



Expressões de Sabedoria

educação, vida e saberes

Mãe Stella de Oxóssi
Juwany Viana



Nelson De Luca Pretto e Luiz Felipe Perret Serpa
organizadores



EDUFBA

Expressões de Sabedoria

educação, vida e saberes



Universidade Federal da Bahia

Reitor

Naomar de Almeida Filbo



Editora da UFBA

Diretora

Flávia Garcia Rosa

Conselho Editorial

Antônio Virgílio Bittencourt Bastos

Arivaldo Leão de Amorim

Aurino Ribeiro Filbo

Cid Seixas Fraga Filbo

Fernando da Rocha Peres

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Suplentes

Cecília Maria Bacelar Sardenberg

João Augusto de Lima Rocha

Leda Maria Mubana Ianmitelli

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Naomar de Almeida Filbo

Nelson Fernandes de Oliveira

Editora da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina, Salvador-BA 40170-115
Tel/fax: (71)3283-6160/6164/6777
www.edufba.ufba.br - e-mail: edufba@ufba.br

Faculdade de Educação
Av Reitor Miguel Calmon s/n
40.110-100, Salvador-BA
Tel: (71)3283-7272 - Fax: (71)3283-7292
www.faced.ufba.br - e-mail: faced@ufba.br

Expressões de Sabedoria

educação, vida e saberes

Mãe Stella de Oxóssi

Juvany Viana



Nelson De Luca Pretto e Luiz Felipe Perret Serpa
organizadores

EDUFBA
Salvador - 2002

©2002 by Nelson De Luca Pretto e Luiz Felipe Perret Serpa,
direitos para essa edição, cedidos à Editora da Universidade Federal da Bahia.
Feito o depósito legal.

Projeto gráfico
Alana G. de Carvalho e Gabriela Nascimento

Editoração eletrônica e capa
Alana Gonçalves de Carvalho

Revisão de estilo
Lícia Beltrão

Revisão do texto de Mãe Stella
Vanda Machado

Imagens
Crianças da Escola Cosme Damião de Santiago do Iguape, Bahia
fotógrafa: *Nalva Santos*

Transcrição
Flávia Azevedo Fernandes

Digitação
Flávia Azevedo Fernandes e Nelmeiry de Almeida Pinho

2ª tiragem - novembro de 2008

Ficha Catalográfica

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

E96 Expressões de sabedoria : educação, vida e saberes : Mãe Stella de Oxossi , Juvany Viana /
Nelson De Luca Pretto e Luiz Felipe Perret Serpa , organizadores. - apresentação
Antonio Risério. - Salvador : EDUFBA, 2002.
102 p.

ISBN: 85-232-0277-3

1. Stella, de Oxóssi - Crítica e interpretação. 2. Viana, Juvany - Crítica e interpretação.
3. Mulheres no candomblé. 4. Mulheres na educação. 5. Mulheres na literatura. I. Pretto,
Nelson De Luca, - II. Serpa, Luiz Felipe Perret.

Sumário

Apresentação

Duas ou três coisas que sei delas

Antônio Risério...

... 7

Expressões de sabedoria

Luiz Felipe Perret Serpa, Mary de Andrade Arapiraca

Nelson De Luca Pretto...

... 17

Aquí, tudo é questão de ensinamento

Mãe Stella de Oxóssi...

... 25

Ser Professor é gostar do outro

Juany Viana...

... 73



Apresentação

Duas ou três coisas que sei delas

Antonio Risério

Meu ori, meu odu, meu eledá. Meu abecê, meu beabá...

7

Mulheres admiráveis. Na minha vida, sim. Mas não é bem isso o que interessa agora. É uma outra coisa: mulheres admiráveis na vida histórica, social e cultural (não separo educação e cultura – como costumam fazer, burocraticamente, os nossos aparelhos estatais de poder – especialmente, num país como o Brasil) do povo baiano. Em conseqüência, na vida de cada um de nós. Mulheres como Catarina Paraguaçu, Luiza Mahin, Aninha Obá Biyi. Mulheres que nos deram filhos e brilhos, tendas e trilhas, metas e mitos. As ialodês da Cidade da Bahia de Todos os Santos, de seu colar de ilhas irregulares e de seu Recôncavo, com as vilas de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, de São Francisco do Conde, de Santo Amaro da Purificação, de Nazaré das Farinhas, de São Francisco do Paraguaçu, de São Brás, de Jaguaripe.

E aqui há um aspecto mais do que interessante. Em meio às mulheres que se projetaram com nitidez em nosso horizonte, nos fazendo de corpo e alma, a presença das altas sacerdotisas do candomblé, das zeladoras



8

do axé da Bahia – como Aninha, Pulchéria, Runhó, Senhora, Menininha, Nicinha, Stella –, é especialmente poderosa. Não sai da minha cabeça o texto de Jorge Amado falando da morte de Obá Biyi. Não sai da minha cabeça a figura majestosa de Senhora, numa foto de Pierre Fatumbi Verger. Não saem da minha cabeça palavras que ouvi de Menininha, de Stella, de Nicinha, de Cleuza. Nesse particular, o velho Nestor Duarte disse uma coisa muito interessante a Ruth Landes. No seu modo de ver, a dominância feminina, no mundo candomblezeiro, contrabalançava o absoluto predomínio masculino em nosso universo político e econômico. Configurando-se, assim, como um fator de equilíbrio na vida de nossa gente baiana. O matriarcado dos terreiros. Matriarcado do Bogum, do Axé Iamassê, do Ilê Axé Opô Afonjá.

No caso da minha geração, a relação com o mundo do candomblé se iniciou sob os signos de Menininha Oxum Muiá e de Stella de Oxossi, Odé Kayodé. No meu caso pessoal, mais sob o signo de Stella, que vimos assumir a responsabilidade pelo egbé fundado por Obá Biyi – e, aos poucos, ir assumindo também, pessoalmente, uma estatura ou dimensão de rainha, firme e calma estrela mestiça assentada irradiante em seu trono negro. Estrela-deusa. Filha de Oxóssi, o caçador de uma só flecha. De Oxotokanxoxô, o orixá da pele fresca. Do senhor da floresta. Do deus da astúcia. De uma entidade milenar que não se nega ao fascínio faiscante do novo.

Às vezes, alguém me pergunta o que é mesmo que me fascina no candomblé. O simples fato de ter nascido na Cidade da Bahia já explica muita coisa. Mas é claro que não é só isso. É muito mais. A metafísica nagô, por exemplo, tem o seu alto requinte. Pensemos, por um instante,



na tríade energética fundamental, que sustenta o universo: iuá, axé, abá. Iuá é o princípio, força ou energia que permite que as coisas existam. Axé é o princípio, força ou energia que permite que aquilo que é tenha um vir a ser. Abá é o princípio, força ou energia que permite que o vir a ser daquilo que é tenha um sentido.

Fascinante, também, é a teoria iorubana da predestinação. O destino aparece aí como algo predeterminado, mas igualmente como opera aberta, como algo que é dado de antemão, mas igualmente como algo que se dá in progress. Ainda no orum, antes de nascer, escolho o meu destino, o meu ori, minha cabeça espiritual, inner-head. Este é o meu primeiro deus, o deus que escolhi e que está em mim, o meu sentido. Acontece que, ao nascer, ao passar do orum ao aiyê, eu me esqueço. Já não sei qual foi o ori que escolhi. Trago um deus em mim, embora não saiba exatamente que deus é. Tenho que cumprir o meu destino, embora não saiba exatamente que destino é esse. É recorrendo a Ifá – o deus de todas as línguas, de todos os dialetos e de todos os idioletos – que procuro saber o meu caminho, o meu odu. Ou seja: tento adivinhar o meu destino, para adequar a ele a minha trajetória terrestre. O que há, portanto, é a busca da precisão no reino do impreciso. Paradoxo: uma teoria aberta da predestinação.

Outra fonte de fascínio: a sacralização da natureza. O candomblé está entre aquelas cosmovisões nas quais tudo é passível de se converter em residência, pouso e forma expressiva do sagrado. O mundo como um teatro divino, espaço para hierofanias, em termos eliadianos. Tudo pode se converter em templo, em lugar para a manifestação de um deus: uma fonte, uma árvore, uma pedra, um lago, uma gruta submarina. Assim



como o corpo humano, é claro. Desse modo, a natureza é sagrada. Tudo o que vive é sagrado.

Mais fascínio. A estética do candomblé e a agoridade candomblezeira. Estética: a música, a dança, as insígnias, o vestual e o gestual. A poesia, como no caso dos orikis (de ori – cabeça-destino – e iki, verbo saudar = saudação ao ori) de orixá. Dos textos para Iansã, labareda erótica, senhora do raio, deusa do corpo perfeito, aquela que dorme na forja. Ou para Xangô, deus do trovão, da eloquência, da justiça, da potência sexual. É uma poesia “ideogrâmica”, justaposição direta de blocos verbais, extraordinariamente musical e plena de imagens brilhantes e contundentes. E a agoridade: o candomblé não nos pede uma renúncia aqui e agora, em troca de uma existência incolor e assexuada no outro mundo. Pelo contrário: quer que as coisas boas da vida nos aconteçam em vida. Com a benção dos orixás, dos voduns, dos inquices, dos caboclos e de todos os encantados que porventura existam.

Mas há ainda duas coisas, no depoimento de Stella, sobre as quais gostaria de falar: oralidade e informática. Stella escreve seus livros. E é muito bom que isso aconteça. Não havia como o candomblé se circunscrever dentro dos limites da oralidade, desde que ingressou na trama de uma sociedade que empregava e emprega a tecnologia da escrita. Textos e mais textos se produzem sobre o universo dos terreiros. E é saudável e saneador que, entre tais textos, figurem escritos de ialorixás. (É claro que a palavra escrita não tem o axé da palavra falada – mas o que os livros veiculam não é conhecimento iniciático, é conhecimento literário). Isso não quer dizer que a oralidade tenha dançado. De modo algum. Vivemos todos, hoje, numa cultura que é intensamente oral. As canções



de Cole Porter, de Dorival Caymmi, dos Beatles, de Gilberto Gil e de Bob Marley são cultura oral. Programas de entrevistas na televisão (Jô Soares, Marília Gabriela, etc.) pertencem ao domínio da oralidade. E é a oralidade que reina em escritórios de psicanálise, em salas de aula, em ensaios carnavalescos, em defesas de teses acadêmicas, em comícios, em consultas médicas, nas sílabas mágicas dos gurus, em programas de rádio, em nossos contatos telefônicos, etc., etc., etc. Claro que o que temos, agora, não é mais a oralidade primária dos tempos da Grécia Arcaica, da sociedade tupinambá ou do reino de Ifé. Mas a oralidade secundária – isto é, a fala fundamente afetada pelo advento e a socialização da escrita. E mesmo a oralidade terciária, que é como classifico a produção oral elétrica e/ou eletrônica, com jogos tecnológicos de voz, como ouvimos num disco como o “Araçá Azul”, de Caetano Veloso. De todo modo, cultura oral.

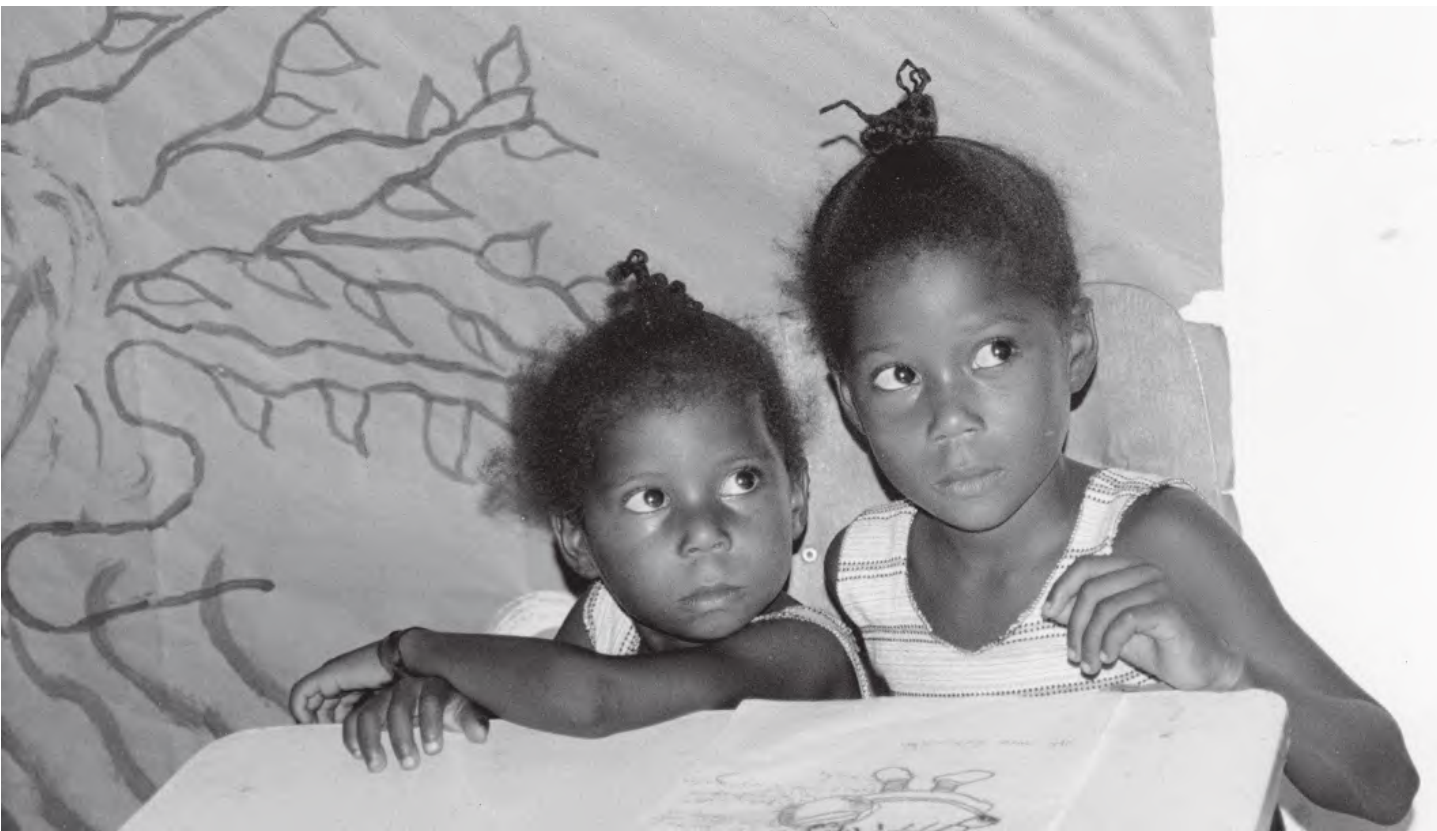
11

Quanto à informática, às novas tecnologias da inteligência, elas já foram incorporadas ao mundo dos orixás. Ao complexo semiótico chamado Ogum. Como orixá do ferro, deus metalúrgico, Ogum não é uma entidade que tenha existido desde sempre, ab initio. Não: ele expressa uma alteração revolucionária que ocorreu na história da humanidade, com o nascimento da Idade do Ferro. Daí para cá, veio incorporando, ao seu arsenal metalúrgico, novas ferramentas produzidas a partir da Revolução Industrial. Bem vistas as coisas, Ogum é o orixá da tecnologia e da inovação tecnológica. É por isso que hoje, na Nigéria, a tecnologia de ponta é colocada sob sua jurisdição. O computador, inclusive. Num canto africano existente para ele, aliás, ouvimos: “O novo é meu jogo com Ogum”. Orixás na internet? Claro. Os deuses podem ser extáticos, mas não são estáticos.



Mas vamos adiante. Num neo-oriki para Ibualama, Caetano menciona o Iguape, região do Recôncavo Baiano, um dos lugares mais gostosos que conheço. E é do Iguape que me vem a voz da professora Juvany Viana. Confesso que não me sinto muito à vontade para falar de educação. Não é bem a minha praia. Mas confesso também que a história de Juvany me comove. Especialmente, quando levo em conta a deterioração de nossa educação pública de nível básico e médio (com nossos governantes quantitativos construindo salas, mas não uma política educacional) e a transformação das escolas particulares num setor estritamente empresarial de nossa economia, regido não pela perspectiva pedagógica, mas pelo tilintar da caixa registradora.

E Juvany ali em Santiago do Iguape, durante anos, revelando a crianças a maravilha alfabética do mundo. Me lembro, aliás, de Jimmi Hendrix. Hendrix costumava dizer que tinha deixado de estudar porque, depois de aprender a ler e a escrever, a escola não teve mais nada de tão interessante a lhe ensinar. De fato. Não me lembro de nada, na minha vida escolar, comparável ao desvelamento do código da escrita. Não quero dizer com isso que ninguém deva continuar no colégio, depois do processo de alfabetização. Não é isso. Quero apenas sublinhar o papel fundamental de Juvany, em ação voluntária em meio a meninos e meninas do Recôncavo. Penso que, se o mestre Darcy Ribeiro tomasse conhecimento dessa história, ficaria certamente emocionado. Foram pessoas como Juvany que fizeram com que ele nunca perdesse a sua fé no povo brasileiro.



“Comigo a anatomia se vê louca. Sou todo coração.”

Vladimir Maiakóvski





Expressões de sabedoria

*Luiz Felipe Perret Serpa
Mary de Andrade Arapiraca
Nelson De Luca Pretto*



Para tentar dizer com sabedoria, **Expressões de Sabedoria**, antes de se fazer livro, aprisionado para perpetuar momentos vividos na FACED, se fez livre. Livro e livre, morfologicamente similares, nem sempre possuem o mesmo significado. Todo mundo sabe disso. Mas, essa preparação de cena é para introduzir duas situações complementares, porém diferenciadas: idéias que se transformaram em fatos e fatos e idéias que foram aproveitados em forma de livro.

17

A história se principia com o despontar de mais um ano letivo: primeiro semestre de 2001, quando a FACED resolveu modificar a forma de inaugurá-lo, escolhendo o diálogo com pessoas não vinculadas diretamente ao mundo acadêmico universitário, as quais, atuando em áreas menos ou mais próximas das nossas, trouxessem para o nosso meio idéias, experiências e constructos provocadores de diálogos mais excitantes. Denominamos os diálogos de **Conversas com ...**

Esse foi o início, “no princípio era o verbo”, essa foi a idéia que se desdobrou em fatos. Foi possível trazer, para dentro de uma Universidade,



para dentro de uma Faculdade de Educação, pessoas que nela ou não transitam, ou o fazem com pouca constância. Além de não transitarem freqüentemente, são pessoas com “modus faciendi” e “modus vivendi” bem diferentes das que por aqui habitam. Foi, inclusive, possível observar que, mesmo quando existia uma grande sintonia de idéias, formas e jeitos de conduzir as coisas, era possível tencionar essas relações pois, antes de mais nada, eram relações entre diversos saberes. E, nessa tensão, que coincidentemente rima com canção, sem sofisticação alguma, houve possibilidades para processamento de novos saberes, fazeres e conheceres... Tudo isso, diga-se de passagem, guardando estreita coerência com a nossa visão de direção e com o próprio plano de gestão para a Faculdade o qual se intitula *Construindo uma escola sem rumos* e que prevê ações por um período muito maior do que a gestão atual (2000-2004), podendo não somente extrapolar esse período como ser elemento de uma construção coletiva que defina, no seu conjunto, os possíveis caminhos da Faculdade nos anos subseqüentes.

E o desafio foi posto: manter ao longo do semestre, no cotidiano de nossas aulas, o mesmo nível de grandeza das aulas que foram ministradas através das **Conversas com...**

Mãe Stella de Oxóssi, singular figura do Olimpo cultural baiano, conhecida e respeitada líder espiritual, mãe de Santo do terreiro Ilê Axé Ôpo Afonjá, situado no bairro de São Gonçalo do Retiro.

Juvany Viana, ainda não tão conhecida como a primeira, também uma líder espiritual. Convidada, devido ao seu desempenho como professora primária – proposital atraso na nomenclatura – no recôncavo baiano, nas redondezas da Região Metropolitana de Salvador.



Dirlene Mendonça, com ampla experiência institucional na área da educação, tendo sido Secretária de Educação do Estado da Bahia e estando no segundo mandato da Secretária Municipal de Educação de Salvador.

Essas conversas aconteceram com o auditório principal da Faculdade de Educação todo tomado e com transmissão para a área externa através do ÉduCANAL, que é o canal interno de televisão da Faculdade.

Das três senhoras que engrandeceram a FACED com suas presenças, por razões óbvias, duas são mais distanciadas do convívio universitário, constituindo-se essa a razão para que a presente publicação fosse composta pelas conversas com as duas primeiras – Mãe Stella de Oxóssi e Professora Juvany Viana.

Além do que já foi dito, a presença de Mãe Stella enriquece o currículo vivo de uma Faculdade de Educação por razões variadas. Seria tarefa impossível a todas enumerar. Dentre as mais evidentes, destacam-se o carinho e o respeito com que todos nós a temos, pela sua forte presença, pela sua sabedoria, pela sua liderança e luta nas questões ligadas aos afrodescendentes na Bahia. Aliás, o reconhecimento a Mãe Stella ultrapassa os limites baianos, haja vista a sua indicação e escolha para o Prêmio Multicultural Estadão 2001, na categoria fomentador, como uma das personalidades do mundo da cultura afro-brasileira.

A experiência de Mãe Stella com os terreiros de candomblé, com as manifestações culturais e com os projetos educacionais que estão em andamento no Ilê Axé Ôpo Afonjá, se conhecidos e vividos intensamente, podem se tornar fonte de referência para nós que somos ou seremos



professores, sujeitos que por honra do ofício, precisam processar conhecimento e fazer cultura. Para tanto, não podemos continuar alheios às manifestações culturais do nosso entorno.

20

A presença da professora Juvany Viana também se impõe pela descoberta que fizemos acerca do seu notável e eficiente trabalho de educação na zona rural de Santiago do Iguape. Como já dissemos, ela é também uma liderança na região, também espiritual, nos três povoados relativamente próximos: *Caonge*, *Calembar* e *Dendê*. A professora Juvany teve dez filhos, um número grande de irmãos e desses, os homens são minoria. Diante do quadro atual de baixo desempenho educacional da nação brasileira, experiências como as da professora Juvany devem ser consideradas, lá, muitas das crianças e jovens da região com ela estudaram, desde a alfabetização até a quarta série, continuaram seus estudos na escola de Santiago do Iguape, e foram para o ensino médio em Cachoeira ou Salvador. Outros chegaram inclusive à Universidade. Os jovens e crianças que passaram pela sua escola e que chegaram à quinta série, sempre se destacaram nas séries seguintes, em Santiago do Iguape. Esses e outros dados são evidências da importância de conversar com a professora Juvany.

Expressões de Sabedoria representa o esforço de edição de **conversas com** duas grandes mulheres baianas que honraram a FACED/UFBA com suas presenças ternas e fortes. *Expressões de Sabedoria* representa também a esperança da construção de uma Faculdade e de uma Universidade dispostas ao acolhimento das manifestações do seu entorno, à inserção nas entranhas da sociedade. Isso são formas dessas instituições



caminharem em direção a uma outra sociedade, uma sociedade de diálogos, na qual a ética, o respeito e a valorização das diferenças estejam presentes de forma muito intensa.

A ausência física de Mãe Stella e da Professora Juvany permanece, pois esse não é o *locus* dos seus viveres e fazeres. Entretanto, as **Conversas com...** que geraram, conforme expectativas, diálogos entre diferentes, deixaram rumores e imagens. E esses e essas, felizmente, permanecem.

Por fim, **Conversa com...**, evento desencadeado na FACED/UFBA, se faz em livro, com o qual pretendemos provocar mais conversas sobre coisas, mundos, saberes, educação, vida.





*Aqui, tudo é
questão de
ensinamento*

Mãe Stella de Oxóssi



Nelson Pretto

25

– Vamos começar falando um pouco sobre sua experiência de vida, a experiência de estar à frente de um terreiro como o Ilê Axé Ôpo Afonjá que é internacionalmente conhecido, numa terra tão rica do ponto de vista da cultura afro brasileira. A senhora poderia começar falando um pouco sobre sua experiência de vida para nós, de uma Faculdade de Educação?

Mãe Stella

– Bom-dia! Eu sou Mãe Maria Stella de Oxóssi, tô aqui cheia de emoções, de medo, de estar aqui falando para vocês, coisa que não faz parte do meu cotidiano. Eu falo lá no Axé, com gente sentada no chão, de outra maneira, mas discutir universidade, é muito difícil! Só peço a vocês que tenham paciência, e nós vamos nos entender. Vamos agora começar nossa conversa, eu fiz uma pequena pesca para poder olhar e ficar mais fácil, se não, não vai dar para entender.

Eu sou Ialorixá e pratico a religião dos Orixás. Na nossa cultura, não se faz nada sem se tomar conhecimento de que existem os ancestrais e os



orixás mais velhos. Por isso, como não tem ninguém aqui mais velho do que eu, eu vou saudar os ancestrais na memória da minha Ialorixá, da minha mãe de santo, Mãe Senhora. [canto]

Eu pedi uma saudação à minha Ialorixá e a todas as outras Ialorixás filhas de Oxum, filhas de Oxóssi, filhas de Ogum, de Iansã e para vocês eu dou o meu cumprimento... Bom-dia, pra vocês todos. Vamos começar a nossa conversa...

Eu acredito e professo a religião dos orixás. A crença nos orixás é uma religião composta de três fases. Antigamente, a religião dos orixás (o que nós cultuamos como orixás) não era uma crença. Diziam, sei lá, mil lances que não fossem religião, mas a gente tem a cabeça para pensar e procurar se aprofundar nas coisas, para poder não falar coisas que não sabe.

Então, está bem claro que nós somos uma religião, porque nós temos *teologia*, nós temos a *liturgia* e nós temos os *dogmas*. São três características de toda religião. A teologia que visa não só ao estudo do orixá como a experiência que temos da divindade em nossas vidas. Essa teologia fala sobre Olorum, fala dos orixás e toda a formação do mundo religioso dos orixás.

A *Liturgia* compreende todos os ritos existentes na religião como seus cantos, suas danças, suas comidas, tudo isso. Existem ritos públicos e secretos: os públicos são para todos, e os secretos são para os iniciados, somente os iniciados podem participar desses ritos.

Os *dogmas* são os pontos que sustentam a própria doutrina. Eles servem de alicerce para compreensão da essência de nossa tradição religiosa. Nisto estão incluídas muitas situações em que muita gente se admira - e



fica até ávido de querer participar internamente - que não é nada mais, nada menos do que a possessão, do que a forma que nós temos de conversar com os orixás.

Para sabermos melhor sobre a religião dos orixás, temos que tomar conhecimento do nosso criador, aí vamos entrar num pedacinho que é muito difícil, afinal... é aí que dizemos: não tem escolas para mãe de santo, não é?

O nosso criador foi Olorum e, com o auxílio de Odudua Obatalá, criou todos os seres vivos existentes no Aiyê (o Aiyê é a terra), e também deu atributos específicos aos orixás. Nós só temos um deus, nós somos monoteístas. Esse negócio de deuses africanos em plural não dá! Nós só temos um deus, os outros são auxiliares.

Por intermédio de nossa liturgia, despertamos a energia desses orixás, os quais nos dão respostas às nossas carências. Pelos preceitos que nós fazemos com nossos símbolos, nós conseguimos levantar energia nesse material que tem condição de corresponder às nossas necessidades, às nossas carências.

Algumas pessoas cultuam orixás apenas, outras não, são iniciadas. São essas iniciadas que vêm compor o corpo de sacerdotes e sacerdotisas dessa tradição religiosa tão antiga. É muito antiga essa religião! Agora que está na moda, mas ela sempre existiu!

A nossa religião valoriza a natureza. O orixá é força vital e corresponde aos elementos da própria natureza que são: a Água, a Terra, o Fogo e o Ar. Para você ver como nós, principalmente quem cultua e quem pratica a religião dos orixás e que está mesmo entregue aos orixás, nós vemos o



nosso corpo como um templo. Por quê?! Porque todos os seres são formados das partículas de cada um desses elementos que são a Terra, a Água, o Ar e o Fogo. Por isso temos conosco uma partícula de cada orixá infuso em nós mesmos. Isso independe da etnia, crença ou condição social, todos têm. A pessoa pode ter outra religião e nem por isso deixa de ter o corpo formado por esses elementos.

Por exemplo: o ar é o elemento essencial da vida, e temos em nós o ar que é representado pelo orixá chamado Iansã ou Oyá. Esse ar também é o que nós chamamos de Emi. Emi é aquela força interna que sai de nós, é onde nós tratamos o nosso axé, através do Emi. A água também é fonte de vida. Ela nos hidrata e está presente em nosso organismo como o suor, as lágrimas, as secreções, o sangue... tudo isso são elementos líquidos e representam os orixás da água que são Oxum, Iemanjá e Inana. O Fogo é a vida por excelência. Está presente em nossa temperatura e nas nossas emoções. Esse calor, esse fogo é representado pelo orixá Xangô. Iansã, também, é muito forte na nossa vida, porque um corpo sem calor é um corpo morto. Também podemos comparar nossa pele, carne, ossos, dentes e cabelo à terra que é a fonte primeira da vida. Essa mesma massa que nós temos aqui devemos muito a um orixá chamado Nanã, que é quem fez a formação do corpo humano.

O que muito controla a nossa vida é a nossa cabeça. Nós temos dois conceitos de cabeça: o conceito físico e o conceito espiritual. O conceito espiritual é o Ori. Em nossa tradição, se diz: “a cabeça que governa o corpo”, porque, se alguém não está com o Ori fortalecido, nada no corpo desse alguém poderá estar bem. Daí que mal-estar, pensamento negativo é o que mais nos abate e nos deprime. Vocês que estão na universidade



devem conservar bem seu Ori. Não é para ninguém ser filho de santo, mas conservar o Ori é saber da espiritualidade, da força interna que nós temos e para sabermos: o que nós queremos, acontece. É só a gente estar com o Ori fortalecido, com bons pensamentos, com boas intenções e é evidente que Olorum vai nos abençoar. Ainda mais os calouros que estão entrando agora numa vida nova de estudos.

Vocês têm uma expectativa de progredir na escola, de virem a ser um bom profissional e uma pessoa financeiramente suficiente. Às vezes, essa expectativa não é correspondida, não porque vocês sejam incapazes, mas porque o ser humano tem a forma de perceber, sentir e aceitar a própria existência. Cada um aceita de uma forma, às vezes, não gosta de uma matéria, o professor é antipático, o ambiente é desagradável e nem por isso vocês vão deixar de seguir a sua vida profissional por causa dessas coisas. Daí é que nós temos em nós um sentimento chamado equilíbrio que deve estar bem certo, bem equilibrado mesmo, bem forte pra gente superar essas adversidades. Nas horas difíceis das adversidades, devemos pedir aos antecedentes que nos dêem compreensão.

Devemos auxiliar os outros, de acordo com as nossas convicções e possibilidades. Devemos escutar quem precisa ser ouvido. Devemos ter certeza de que existe um ser supremo que nos ajuda a lutar e a vencer e pedir auxílio a quem quiser nos ouvir. Isso tudo independe da crença religiosa, qualquer pessoa, qualquer ser humano deve fazer essas coisas para poder ser feliz.

Eu acredito na religião que professo que é a religião dos orixás. Sei que Olodumare fabricou meu Ori, atribuindo-me a vida. O Ori e os orixás



determinaram o meu Odu que é o meu caminho. O destino não se muda, mas se trabalha através de preceitos e oferendas. Aproveita-se o lado positivo de cada destino, que em si mesmo não é bom nem é mau. O destino é o destino, e a gente também ajuda a ele.

Questiona-se como pode ser aproveitado o lado positivo. Digo que pode ser aproveitado por intermédio da educação e seus vários aspectos: tanto na vida civil como na vida religiosa, na vida de um modo geral. De acordo com a religião dos orixás, a profissão de cada um, que vocês escolheram, faz parte do Odu, do caminho. Muita coisa é de livre arbítrio e devemos ficar atentos às opções que fazemos na vida. Você já nasceu com destino de ter uma determinada profissão: advogado, por exemplo, mas de repente você continua, entra no colégio e vê que aquilo não está satisfazendo os seus desejos e você, então, tem que lutar para que isso aconteça. Não deu certo? Perdi a primeira vez, perdi a segunda então não tenho que ser? Não!! A força interna é que nos ajuda muito a vencer.

Veja bem: quando estamos ainda na condição de embriões, Olodumare nos leva ao recinto e manda que se escolha o próprio Ori. O Ori é cérebro, é espiritual. Os apressados chegam lá e apanham o primeiro que encontram, outros são meticulosos na escolha, alguns mais ou menos. Daí, quem é apressado fica sempre imperfeito, com a sobrecarga, e tem a vida conturbada.

A escolha do Ori explica a diferença de temperamento e sina de cada indivíduo. Daí depreende-se que o destino é uma coisa que não se muda, mas se lapida. Não devemos nos entregar ao destino. Na condição de seres novos que somos, devemos melhorá-lo. É a nossa obrigação.



Ainda que não cultue, todo mundo tem um orixá, o chamado popularmente anjo de guarda, protetor, Eledá. Existem diversos nomes que lhe são dados. Devemos nos apegar a qualquer energia positiva, devemos rezar, fazer oração, seja em qualquer tradição religiosa.

Não devemos misturar religião, para não cairmos em práticas sincréticas e atropeladas. O chamado sincretismo de justaposição foi uma tática originada para a existência da crença menos poderosa por não ser ligada ao poder. Hoje em dia, quando o Estado está desvinculado de qualquer religião oficial, a partir da Proclamação da República, falar em sincretismo por motivo de sobrevivência torna-se anacrônico, mas vou relembra um passado sofrido.

Há alguns séculos, quando descobriram que a mão de obra africana seria ideal para o fortalecimento da economia no mundo, o negro foi trazido para as Américas, em especial para o Brasil. Sem condições jurídicas, ele não era nada! Ele era da propriedade apenas do outro ser humano que era o constituidor de uma alma de direitos e deveres. O homem negro era escravo, um animal diferente no contexto dominante da época. Apesar disso, o africano trouxe consigo a sua fé que permaneceu firme, apesar de ter sido batizado com outra crença, sido mudado de nome e sido apresentado a hábitos alimentares diferentes, vestimentas etc. Mas a fé sobreviveu imaculada, e o negro e seus descendentes se aproveitavam dos feriados religiosos dos cidadãos, dos senhores, para praticarem seus cultos. Com o tempo, foram se organizando, adquirindo terras, fundando comunidades religiosas e irmandades paralelas.

Hoje em dia, a liberdade de pensamento e crença é possível para todos, não mais havendo justificativas inteligentes para as práticas sincréticas,



que infelizmente existem como forma de manipulação do mais fraco, que nada mais é do que o chamado afro-brasileiro ou afro-descendente.

Outro dia eu soube que teve uma missa aí falando nessas coisas e até inventaram agora a missa dos negros. Não existe isso. Missa é missa! Não tem de negro nem de branco. Tinha uma pessoa na hora da oferenda vestida de Oxum. Aí eu não sei se era falta de informação, falta de respeito, se era inocência, eu fiquei sem saber. Então eu falei com o padre, uma autoridade da igreja, e ele falou: “Ah! A senhora foi a única que não gostou!”. Aí eu não entendi nada!

32

Existem pessoas que vão à missa e vão ao candomblé. Cada um pratica sua fé, é livre e pode ir muito bem de tarde à missa e de noite ao candomblé. Não deve é misturar! Existem pessoas que têm direito à busca e essa busca sempre é sincera e isto não tem nada a ver com sincretismo de justaposição, afinal as pessoas acreditam no que acreditam. Um dia descobrem o santo, ou o anjo, ou um orixá e a pessoa tem direito de procurar as coisas.

A carência da humanidade, numa época de tanta desolação que é esse início de século, leva as pessoas a buscas maiores. Elas têm sede de águas não conhecidas ou até querem buscar águas novas. As pessoas querem ser livres de amarras, de culpas impostas por dogmas, muitas vezes ultrapassadas.

Para a religião dos orixás, não existem raças, nem situação social ou financeira, existe, sim, o amor eterno à vida, entenderam?

Nelson

– Mãe Stella, no momento que a senhora falava, eu lembrei, acho que foi em 1981, a senhora construiu um museu Nagô na roça do axé, como uma



forma de manter viva a tradição. Parece que, no candomblé, a história da memória e do respeito pelo mais velho, são coisas fundamentais. A senhora poderia falar um pouquinho sobre essa questão da memória, a questão dos ensinamentos, do respeito aos mais velhos? Como é que isso se dá? A senhora disse que não tem escola de mãe de santo, será que um dia vai ter? Será que vamos ter que um dia formar uma faculdade de Mãe de Santo?

Mãe Stella

– Veja bem. O candomblé é uma escola, né? Apesar de eu ter tido uma claridade, quando eu escrevi um livro, ele foi feito apenas pelas filhas de santo do axé, mas eu creio que serve para muita gente, porque o que é muito forte na tradição africana... (eu falo africana, porque a religião que nós praticamos é uma religião africana, é de essência africana. Nós somos brasileiros, mas temos uma religião de origem iorubá, africana.) então, uma coisa que muito marca essa tradição é a coisa do respeito. Eu já estive na Nigéria, e como é que os filhos saudam os pais? Eles deitam-se no chão para tomar a bênção ao pai ou à mãe (quando é mulher tem outra forma de dar), sempre rente com o chão, porque, para nós, o chão, a terra, é uma coisa que nos renova a energia. Outra revelação de respeito aos mais velhos é não se discutir com os mais velhos, pois nessa tradição eles são fonte de muito respeito. Quando eu falo em conservar, trazer na memória as coisas da religião, vocês podem ler nesse livrinho aí e nós temos um museu. Esse museu é apenas Ilê Axé Ôpo Afonjá. É nagô porque nós somos da tradição, mas é uma memória do próprio axé. É onde nós conseguimos juntar as coisas antigas que tínhamos lá e fazemos uma exposição de como eram usados, mostrando, agora, com a evolução de



máquinas e tudo mais, como as coisas estão. Antigamente, o material era feito no pilão, ralado na pedra, não tinha liquidificador nem processador nem nada disso e ficava bom, talvez até mais gostoso, e era uma coisa melhor até porque a nossa energia está muito misturada. Uma coisa que muito vale para nós é a energia. Quanto mais energia a gente despende a um orixá para uma coisa dessa, há troca, a energia chega melhor para nós.

Nelson

34

– A senhora estava falando isso, e eu estava me lembrando: existem páginas na internet sobre o Axé, a senhora usa e-mail. Como é que são essas relações das tecnologias com a cultura afrobrasileira e o candomblé?

Mãe Stella

– Veja bem, nós temos até uma página na internet (<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1322/>). São algumas explicações e quem for ler, quem tiver tempo de ler vai gostar, porque tem explicações sobre a questão do sincretismo, tem explicações sobre o funcionamento do Axé. Agora, nessa página, não fazemos consultas. Não fazemos nada disso... é só mesmo informação e, enquanto eu estiver viva, na nossa página não acontecerá isso!

Nelson

– Uma das coisas que sempre me impressiona, quando eu vou ao Axé, é a forma como ele funciona. Como eu sou diretor daqui da Faculdade, eu sempre me pergunto como funciona, ou como não funciona, o cotidiano de uma faculdade, de um agrupamento social, de um clube... lá, eu fico muito impressionado, fico curioso: como é que funciona um terreiro, uma roça? É uma quantidade muito grande de atividades, de pessoas, de interesses...



Mãe Stella

– Olhe... eu não vou dizer que é tudo às mil maravilhas, porque não é! Mas primeiro: eu acho que os próprios orixás dão condição de resolver. Tem uma moça que vai lá e passa dias... Um dia ela me disse: “Eu não sei... eu passo aqui o dia inteiro, e essa gente vai, entra e sai, está tudo muito confuso, mas daqui a pouco está tudo certo!” Ninguém toma pé de nada: por onde entra, por onde sai, mas por fim está tudo certo, às mil maravilhas. Apesar da força que o orixá nos dá, para poder controlar essas coisas, aquilo se chama disciplina.

A disciplina nos ajuda muito, porque no Axé tem aquela coisa de postos. Cada um tem seu posto, seu cargo. Se cada um segue seu cargo direitinho, (deveria seguir!) no fim do dia, no fim do tempo, está tudo certo. Então tem o encarregado de ir ao quarto do orixá, tem o encarregado de ficar na cozinha, fazer a comida, lavar a roupa, varrer o espaço. Nem todos funcionam assim, mas como é uma coisa de integração, então, às vezes, um faz pelo outro e todos fazem. Coisa mais rara é você chegar numa comunidade de candomblé e alguém estar parado, sentado. Se alguém está sentado, é uma coisa extraordinária, diferente.

O ambiente é muito diversificado: tem velho, tem moço - eu falo lá em casa, no nosso Axé - tem muita gente de menos instrução, de maiores instruções, tem de tudo, mas nessa hora, lá, todos são iguais! Na hora de varrer um chão, todos vão. Se você for ser um filho de santo, vai ter que varrer também, limpar o quarto de xangô, vai ter que tratar uma galinha, tem que passar uma roupa, mas também tem a hora do lazer, de conversa e também da obrigação. Por isso quem olha de longe, pensa que está tudo certinho, porque a disciplina também nos ajuda muito.



Nelson

– E a senhora acha que a Escola Mãe Aninha consegue, enquanto um espaço de educação, ter também essa dinâmica?

Mãe Stella

– Tem sim, porque a escola agora está satisfazendo as nossas expectativas, e eu coloquei uma filha de santo lá como se fosse uma intermediária entre o Axé e a escola para tomarmos conhecimento, para darmos alguma orientação, alguma coisa e, felizmente, graças a Oxum ela está dando conta, juntamente com a diretora oficial, que é Marinalva. A Secretária de Educação da Prefeitura comprou as idéias delas e está levando. A escola já é tida como uma escola de referência. Eu digo sempre a ela que no meu tempo não tinha nada de se registrar, mas agora o pessoal registra para poder ter provas. Se não fosse assim, a Bahia não tinha esse governo maravilhoso, se ninguém visse na televisão o que é que ele faz, né? A propaganda é a alma do negócio.

Não foi sempre assim. A escola não começou como escola, começou como uma creche, mas eu achava que a creche não satisfazia, porque a população de lá é muito grande. Então compramos o prédio na mão da instituição que tomava conta e tomamos para nós. Fizemos um convênio com o Estado, a princípio, e depois com a prefeitura. Agora é só com a prefeitura. Fundamos essa escola com o nome de Eugênia Ana dos Santos, que é o nome de Mãe Aninha, que é a fundadora da casa desde 1910.

Tudo quando começa, ainda mais depois de um pequeno desentendimento com a outra direção... Mas com as bênçãos de Oxóssi e de Xangô, nós fomos segurando, e a escola está indo e está correspondendo às próprias



expectativas da Secretaria de Educação. Tem sido referência para o exterior, para muita gente. Tem uma moça que trabalha lá que é dona Vanda Machado, professora que fez uma tese aqui na Faced. Essa tese serviu de inspiração, e eu incentivei muito. Se ela sofreu, a culpa é minha também. É que eu dei muito para que ela levasse além dessa tese, e ela está desenvolvendo um trabalho muito bom. Esse trabalho está aberto, caso vocês queiram dar um passeio até lá para conversar com a criançada.

Além desse lado didático de escola oficial, ela está dando ...(Vanda, posso dizer que você é filha de santo?) ela está dando coisas rudimentares da nossa tradição religiosa e também da cultura. A criançada já sabe alguns cantos, saudações, já sabe historinhas... O dia que você quiser levar sua turma para fazer uma pesquisa, um estudo legal, a escola está às ordens, viu? Avisar é bom que a gente se preparar! Mas não precisa nem avisar, porque a casa é de vocês...

37

Nelson

– A experiência de Vanda, tendo feito a pós-graduação aqui, foi numa época em que a faculdade tinha uma área relativamente forte nessa questão da cultura negra e afro-brasileira. Eu costumo dizer que eu acho isso uma falta em nossa Faculdade hoje, e que nós temos de recuperar. Essa é uma área que já teve um apogeu aqui dentro e agora não está mais tão forte. A vinda da senhora aqui também é, do meu ponto de vista e no ponto de vista nosso, enquanto direção, uma possibilidade, um estímulo para que essa área cresça novamente. Eu acho que a pesquisa em educação na Bahia, particularmente na Bahia, tem que ter um destaque para essa área. A senhora acha que é possível articular ciência e candomblé?



38

Mãe Stella

– Com certeza. E com vocês dois à frente que formam uma dupla legal, vai dar certo com certeza. Mas na atualidade, como eu falei, estão todos carentes. Carência geral de tudo: de compreensão, de conhecimento, de religião... a carência é muito grande. Então, tendo pessoas inteligentes e dinâmicas como vocês, eu tenho certeza de que vocês vão conseguir chegar lá e que, no próximo ano, quando forem reiniciar as aulas, você vai ver que esse lado da religião africana e da cultura já estará mais enfatizada, já estará mais conhecida.

Às vezes, a pessoa discrimina, porque não conhece. Precisa conhecer para saber o que é. O dia em que alguém se dedicar a estudar profundamente o candomblé... ninguém nunca abriu uma escola da teologia africana! Tem a teologia católica, a teologia protestante, mas a africana ninguém nunca se dedicou a estudar profundamente. O dia em que alguém se dedicar profundamente a estudar o que é a teologia, como funcionam os dogmas, qual é essa liturgia e tudo mais... quando se fala em candomblé, pensa-se apenas naquelas festas de barracão em que todos dançam, mas não é isso. O candomblé é muito mais profundo! E é por causa do candomblé que nós estamos aqui agora conversando!

Nelson

– A senhora acha que tem ainda uma visão folclórica com relação ao candomblé?

Mãe Stella

– Com certeza! Quando eu vejo, agora está melhor, mas ainda existem pessoas vestidas de orixás em bloco de carnaval, em trio elétrico, isso é falta de



conhecimento. Eu falei com uma que dança (ou dançava) no Balé Folclórico da Bahia e eu disse: “Você vestida de Iansã?” e ela: “Mãe Stella, isso é uma homenagem a meu santo.” Não sabe de nada, né? Vai para lá vestida de Iansã, para dançar no palco, e depois vai tomar uma cerveja... filha de Iansã! Toma uísque, namora.. é folclore, mas é falta de conhecimento... Ela que estava homenageando diz isso, imagine o que diz um leigo!

Mary

– Quando a senhora falou que existe a teologia católica, a protestante e não existe uma escola de teologia sobre o candomblé, me veio uma questão na cabeça. Existe também no candomblé essa divisão de facções? Quer dizer, tanto a católica quanto a protestante são todas cristãs, mas foram se dividindo, porque as pessoas tinham, entre outras coisas, opiniões diferentes sobre os mesmos textos. Entendendo o candomblé como uma matriz, existem também essas facções? Pessoas que pensam o candomblé de maneiras diferentes?

Mãe Stella

– É da humanidade isso. Todos se formam no mesmo candomblé, mas, quando abrem as suas casas, uns acham que a semana não deve ser de quatro dias, e sim de sete, uns acham que o preto é luto, outros que o branco é luto. São essas facções, outros acham que... mil coisas que sempre diversificam as pessoas. Os seres humanos não pensam todos iguais, mesmo que digam que professam a mesma crença. No fundo, no fundo, você vê seus pais, seus irmãos, se amam se gostam, mas cada um pensa de uma maneira. Isso é normal na vida. No candomblé também é assim. Não pense que o candomblé é aquela coisa...que a Igreja Católica também... Não é nada disso.



Nelson

– E isso é uma coisa que atrapalha o funcionamento ou é rico?

Mãe Stella

– Enriquece, porque, às vezes, uma coisa que até hoje você pensou que não poderia acontecer, que era errada, se você raciocina bem, você vai ver que até o outro tem razão e isso é bom, é uma dinâmica que ajuda a nos desenvolver.

40

Maria

– Eu queria tocar em três pontos para a senhora comentar um pouquinho. Uma visão que eu tenho, não sei se é falsa, é que existe uma supremacia da mulher no candomblé, essa supremacia é quantitativa apenas ou não existe? Existe um papel preponderante da mulher no candomblé, que papel é esse? Essa é uma coisa que eu gostaria que a senhora comentasse.

Uma outra coisa é sobre o livre arbítrio, que é uma questão que eu acho muito interessante. Se eu não me engano, a senhora disse que, no nascimento, a pessoa escolhe o seu caminho e o seu destino, uns são apressados e outros fazem uma escolha mais devagar. Aí eu gostaria de saber: durante o processo de vida, como é que isso funciona? A escolha permanece? Existem possibilidades de mudanças?

Uma terceira é sobre a escola. Porque eu conheço a escola, a senhora sabe, eu estive lá, discuti, vi coisas interessantíssimas funcionando e, por exemplo, tinha a sala do problema, que eu achei muito interessante e eu perguntei: “que tipo de problema?” e ela me respondeu: “Lhe digo que não é problema só de Matemática, as crianças têm outros problemas



que não só de Matemática e tal”. A senhora disse que a escola hoje já é regular, com 300 alunos. Como é que funcionam essas coisas hoje na escola, os princípios que nortearam a gênese dessa escola, o início dela?

Mãe Stella

– Primeiro falando do livre arbítrio que você perguntou aí. No lado espiritual, Olorum já sabe quem vai nascer, então você pega essa pessoa que vai nascer e manda que ela escolha o Ori (o Ori é a cabeça). No lado físico, onde nós pensamos e no lado espiritual, que é a fonte de energia para gente. É como se dissesse assim: “Você vai nascer, então escolha seu futuro, escolha seu caminho,” e deixa lá o lugar onde cada um faz a escolha, a depender de como queira.

Nisso, a pessoa nasce. Depois de pesquisas de uma forma adivinhatória, é que se vai descobrir quem é o Odu, qual é o caminho e qual é o orixá da pessoa, mas a pessoa já vem com seu destino traçado. O destino ninguém muda, se dá uma mãozinha, se cortam as arestas, cresce e preenche com qualquer coisa. Quando se deixa o ser humano com o próprio Ori, é para ele ter condições. Se ele souber escolher, ele vai saber trabalhar com aquilo que ele escolheu. Quando você escolhe uma coisa, por exemplo, escolhe uma casa, você vai colocar aquilo no seu molde, não é isso? É a mesma coisa com o nosso Ori. Eu escolhi, então eu tenho obrigação de cuidar do meu Ori e do meu caminho. São duas coisas essenciais para o ser humano. Para você conseguir o que quer, você tem que lutar, você não pode ficar parado, porque a vida é dinâmica. Se você não procurar, não fizer por onde aconteça, a vida não acontece nunca.



Se eu for dizer: “O povo de candomblé é discriminado, eu sou negra, sou mulher..”, aí eu poderia sentar e pedir: “Ô meu pai, toma conta de mim!”. Essa é a forma como a gente não muda o destino, é isso. Mas não... a gente pára e pensa, procura jeitos, procura se impor de uma forma correta. Por exemplo, você nasce de uma família de protestantes, mas você não sabe por que tem um apego com as coisas de orixá. A religião que você segue é imposta pela sociedade, pela família, mas o orixá que é uma coisa muito superior, é um transcendente, está lhe tomando, lhe puxando, daí o pensamento é voltado para a coisa do orixá. Eu posso ser de uma família crente, protestante e amanhã cultuar orixá e ser até um Ialorixá, uma coisa qualquer. Temos livre arbítrio, quando também conseguimos consertar o nosso destino.

No axé, tudo que a gente vai fazer, a gente entrega aos ancestrais. Então eles, como são a força de vida, nos ajudam, nos dão discernimento para coisas, nos dão condição de falar de tudo e aquela escola está muito entregue a Xangô e a Oxóssi... Nossa liturgia diária é pedir, é conversar. Procuramos sempre andar na linha certa que é a melhor coisa. Se eu tenho um colega que é marginal, usa tóxico, eu não vou entrar na moda também, né? Eu tenho que parar e pensar nos benefícios e nos malefícios que esse tóxico traz.

Na escola, nós tivemos muito trabalho e ainda estamos tendo, estamos melhorando. Aqueles problemas todos que nós tínhamos em uma sala são resolvidos coletivamente, eles são normais. Para mim três pessoas já é multidão, quanto mais...é difícil lidar com muita gente.

As mulheres são alegérrimas. Aquele espaço da roça é pouco para elas. Você chega na escola, e elas estão lá dinâmicas e muitas estão lá alegrando



aqueles que estão progredindo. Quando essa escola abriu, tinha uma garota lá que foi do tempo da creche, já estava com 12 anos no 2º ano, e não conseguia sair. Graças a Deus, graças aos professores, estamos conseguindo dinamizar as coisas e a animar. Uma coisa que anima muito é o lanche que a prefeitura dá, o dinheiro... além de outras atividades que alegram as crianças. Não é só ficar na sala. Elas passeiam pela roça, vão ao viveiro, vão às plantações, à fonte e tudo isso para tomar conhecimento. Para elas é bom, porque são crianças carentes. Criança rica nunca viu uma galinha viva, um cágado e elas lá olham pro cágado, tomam aulas, fazem historinhas sobre o cágado...

43

A mulher tem primazia no candomblé, porque é mais charmosa!!! Mas principalmente aqui na Bahia essa primazia se dá, porque o candomblé, essa crença, chegou aqui em Salvador através de três senhoras negras, ex-escravas ou escravas, só sei que eram africanas e que, depois da bendita Lei Áurea, elas conseguiram ter a sua casa lá na Barroquinha. Elas abriram a sua primeira casa de Axé numa ladeira que tem ali.

Ali o candomblé foi crescendo, o conjunto foi crescendo, e elas tiveram que sair dali para outro lugar que hoje se chama Vasco da Gama. É onde está a Casa Branca atualmente. Nesse tempo, era por causa, creio eu, daquele machismo do africano. O africano sempre valorizou a mulher, porque a mulher na África é livre. É ela quem sai, quem compra, quem mantém a casa, ela tem o dinheiro dela, e ele tem o dinheiro dele.

Eu penso muito isso, que as questões morais colocaram as mulheres no lugar onde estão. Aquelas mulheres tinham um senhor chamado Martiniano Bonfim. Ele veio do Bonfim. Ele ajudou todas elas a abrirem idéias para



muitas coisas, porque ele andava pela sociedade. Havia um outro, o senhor Joaquim. Ele era um babalaô, uma profissão só para homens. Antigamente, eles jogavam um negócio chamado Ifá. Somente homem pega. Isso é para vocês verem que o homem também já teve o tempo dele...

Mas, voltando às mulheres africanas, elas fizeram a casa e ali só iniciava mulher, o porquê eu não sei. Depois de certo ponto, a coisa quando cresce tende a expandir e atualmente não, as pessoas vão, por livre e espontânea vontade, vão por vocação, vão porque querem abrir as suas casas, mas antigamente uma casa só era aberta, quando tinha um desafeto. Minha mãe não me agradeu por aquilo ou aquilo outro, eu vou e abro a minha casa.

44

Foi o que aconteceu com a Casa Branca. As três senhoras morreram, veio uma mais velha e ficou tomando conta. Quando essa morreu, na hora da substituição, todo mundo queria ser mãe de santo. Então aí teve a separação. Uma saiu e abriu a casa do Gantois, outra saiu e foi abrir o Ôpo Afonjá, e ficou a velha lá. Agora, lá continua sem iniciar mulher, na matriz onde é a Casa Branca. Lá no Ôpo Afonjá inicia-se homem, como no Gantois também.

Existem esses rachas no candomblé, mas é uma coisa que é para engrandecer! Na sua casa, você faz os detalhes diferentes! O número de homens para serem iniciados é menor, por isso a mulher tomou mais a frente. Existem casas aí governadas por homens também, mas a maioria é mulher mesmo.

Georgina

– Mãe Stella, eu tenho duas perguntas. Na primeira, a senhora vai me perdoar a ignorância e o desconhecimento do candomblé, mas eu escuto



muito as pessoas dizerem assim: “Eu sou filha de Ogum, eu sou filha de Iansã”, a mim mesma alguém já disse: “Você é filha de Iansã...” e aí eu fico me perguntando: Como é para gente saber se é filha de um determinado santo e não de outro? Como é que isso é definido? É por data de nascimento, é a mãe de santo, como é que é isso?

A segunda, é que Nelson anunciou o endereço na internet, e eu queria saber como a senhora vê isso: candomblé na internet? Como foi essa decisão de vocês de abrirem uma página na internet? Isso está ajudando ou não? Fala um pouquinho dessa história, por favor.

Mãe Stella

– Primeiro: se você tivesse feita essa pergunta na internet, não teria resposta, porque eu não respondo, não faço consulta pela Internet. Mas a Internet foi criada, porque, às vezes, a propaganda... se você não fala, ninguém sabe, por isso eu me propus a escrever um livro e, se eu não escrevesse, muita coisa que eu queria dizer, muita gente não iria saber. Um livro desse está livre, qualquer pessoa pode ler, e não tem nada demais, só coisas sobre procedimentos.

Sobre o seu orixá ou de qualquer pessoa, a identificação é feita através do oráculo. A gente vai pesquisar, vai olhar, porque aquilo que é o aprendido. Você não aprende a conversar com seu orixá por causa do axé, tem o axé, a teoria e a prática. Você pode ter o conhecimento teórico, mas não tem o axé, a força, aquela ordem que você teve para fazer isso.

O orixá é descoberto, através do jogo de búzios ou de Ifá (somente homem que faz). Agora tem gente que olha para você e diz: “Você é de Iansã, né? Você é de Ogum!” E por quê? Tem o arquétipo de cada orixá.



Então, se eu sou uma pessoa desinibida, gosto de conversar, dizem logo que eu sou de Iansã. Se eu sou dengosa, tenho a fala mansa, dizem que eu sou de Oxóssi, se eu gosto de brigar à- toa, sou de Ogum e por aí vai, mas não é isso! Às vezes, você é de um orixá, e o arquétipo vem mais de uma coisa muito profunda. É justamente isso que você, às vezes, é de um orixá e vai procurando saber mais características, o arquétipo daquele orixá, você vai ver que muita coisa se identifica com você.

46

Sobre a internet, nós fizemos isso para poder deixar público, até no exterior, todo mundo saber que existe um Axé, a forma como nós trabalhamos, o que é que nós temos lá em questão de educação, de cultura, de ciência, de tudo que serve também como fonte de aprendizado para outras pessoas. Agora é um perigo, porque existem pessoas que fazem consultas através da internet. Eu tenho recebido não sei quantas mil perguntas: “Meu marido foi embora, o que é que eu faço? Me arranja um ebó para ele voltar...” “Eu quero passar no vestibular..” Tem que estudar! Tudo na vida, ainda mais quando se trata do progresso, às vezes torna-se perigoso.

Jorge

– Antes de fazer a pergunta, eu queria falar rapidamente, fazer um recorte daqui até a Grécia. O pai da história, Heródoto, fala que a religião grega começou com o oráculo de Sodoma. Diz também que tinha uma sacerdotisa e essa sacerdotisa veio da África. Era uma mulher negra que se chamava Pomba Negra. É tanto que era uma egípcia e ela falava, e os gregos não entendiam, chamavam ela de passarinho, uma pomba negra, porque o passarinho pia, pia, pia e ninguém entende o que ele está falando. Aí eles começaram a entender essa mulher e que começou a



fazer parte do ritual. Esse ritual era dentro do carvalho, então tem a relação com a planta, com a árvore que o candomblé preserva até hoje, e a religião católica não tem isso, essa relação com a natureza.

Tinham os enigmas, tinham todos os tipos de jogos, como o labirinto e tantas outras coisas e tinha uma tecnologia, que hoje nós estamos perdendo, que é essa tecnologia do conhecimento do ser humano, da alma humana, de melhorar a alma das pessoas e suavizar as dores e o sofrimento. Protágoras dizia que as pessoas iam ao templo de Delfos que é pós Sodoma, as pessoas iam lá mal, chorosas e começavam a entrar nesses jogos e saíam sorrindo.

O que eu queria lhe perguntar é: Não tem uma tecnologia não tô falando de internet, computador, mas de um conhecimento da psicologia humana que leve à na liturgia, dentro de um ritual, da transe, com a música?

47

Mãe Stella

– Nós não ligamos para a psicologia, nós ligamos para a essência. Através da essência, é que você vai ver se uma pessoa chega chorosa a você. Pode até estar infeliz, mas porque quer. Tem gente que nada lhe agrada, até a felicidade dos outros incomoda, então essa pessoa está com o Odô negativo, está com o caminho negativo, está com o Ori tumultuado. Nós, então, através dessa conversa aqui e outras também, apelamos para natureza, fazemos limpeza de corpo, procuramos saber qual é o orixá, para pedirmos que ele equilibre aquela cabeça.

Cláudio

– Voltando ainda àquela linha, a diferenciação das casas a partir da Casa Branca, de mãe Aninha até mãe Stella, eu acho que um dos encantos que



aconteceram no Axé é que ele conseguiu se libertar do sincretismo tanto do branco, quanto do índio.

Eu queria que a senhora falasse um pouquinho como foi que essa história teve início e de que maneira se posiciona o Axé perante as outras casas como o Gantois, por exemplo, que não deu esse espaço.

Mãe Stella

– Realmente o São Gonçalo, como nós chamamos o Ôpo Afonjá, era uma casa igual às outras, onde se rezava Santo Antônio, onde tinha missa naquele cruzeiro. Aquele cruzeiro era para missa. No São Gonçalo também, quando se saía de uma iniciação num dos domingos de Oxalá tinha-se que ir ao Bonfim, tomar bênção ao padre, para poder a obrigação ter valor! Para você entrar na igreja, tinha-se que ter as suas contas em dia, para ninguém saber que você era do orixá.

Quando a gente morre, ainda hoje, tem um ritual chamado axexê, é uma vigília e há os dias determinados para se fazer isso. Todos os rituais têm cânticos, danças, comida, tudo isso na obrigação de axexê, que é quando a pessoa morre. No último dia, quando o ritual se encerrava, todos iam para missa.

Sair para missa às sete horas, naquele tempo, era mais difícil, porque não tinha táxi à disposição, entrava todo mundo na missa. Aí voltava todo mundo da missa, chegava na sala, aí o atabaque tocava... ninguém sabia o que era que estava fazendo.

Pensando nisso, a primeira coisa que eu tirei foi missa de axexê. Primeiro as missas do aniversário do santo, né? Era aniversário de Oxóssi, tinha



missa para São Jorge e vice-versa. Aí eu tirei essas coisas, apesar de muita briga e muita insatisfação. Gastei muita saliva conversando sobre isso. Eu dizia: depois de vocês ficarem internados, fazendo obrigação aí não é bobagem, porque é sacrifício, depois de perder noite, fazendo obrigação em homenagem ao espírito do seu parente... Por que para ter valor e ser aceito tem que ir tomar a bênção ao bispo? Não tem necessidade disso. A gente senta, explica, mas graças a Deus a gente foi conseguindo nos liberar disso, e nós estamos aí.

Como nossa casa deu certo, eu pensei que as mulheres do candomblé, minhas irmãs de santo, também pensavam... aí eu fui em algumas casas respeitadas e conversei, fiz uns manifestos, algumas assinaram e entre todas essas que assinaram, isso foi no mês de agosto ou setembro, por aí, quando foi dezembro... Repórter é uma coisa antipática, né? O repórter pegou uma delas, coitada... “Mãe Stella falou aí, tal, sobre sincretismo e esse negócio de missa não adianta...”, “É... eu também não gosto, cada coisa no seu lugar”. Aí ele perguntou: “Venha cá, dia quatro de dezembro está chegando..” e ela: “Ave Maria, minha mãe... ê parrê... eu tenho que ver Santa Bárbara!” Entendeu? Depois de ter assinado o documento! Na internet tem esse documento, no museu também tem esse documento.

Uilma

– Eu tenho duas perguntas, mãe Stella: a primeira é que eu ouvi atentamente a sua aula e fiquei pensando se essas modernidades que essas novas tecnologias que Nelson tanto enfatiza, se elas não têm mexido um pouco na oralidade que é a forma pela qual a ancestralidade é passada. Eu fiquei um pouco preocupada. Será que a modernidade está



chegando aos terreiros, ao candomblé e elas podem influenciar essa maneira de repasse desse conhecimento? Essa é a primeira pergunta.

A segunda é uma consulta, mas não é uma consulta pessoal. Na verdade, esteve na Bahia, há dois anos, o Ministro da Educação de Cuba. Ele esteve na Faculdade de Educação fazendo uma palestra sobre a educação cubana. Coube a mim e a outros professores da casa mostrar a ele um pouco da cidade de Salvador. À noite, nós levamos o professor de Matemática, que era o Ministro da Educação Cubana, ao Ilê Axé Ôpo Afonjá. Era um período de festas, daqueles ciclos de festas.

50

Chegando lá, o barracão é dividido: mulheres de um lado e homens do outro. Eu fiquei assistindo exatamente na área feminina, e o Ministro da Educação, com seu grupo masculino, ficou do outro lado. Eu fiquei entretida assistindo à dança e esqueci do Ministro. Lá pras tantas, eu olhei pro lado masculino e o Ministro não estava. Eu tinha a responsabilidade de devolver o Ministro ao hotel e fiquei preocupada. Desci e fui procurar o Ministro. Então, eu o encontrei sentado no chão, na calçada, branco, pálido e suado. Suava a cântaros, e eu perguntei: “O que foi, professor?” Ele disse: “Não sei, pergunte a ela.” Ela era a senhora, era mãe Stella! Mãe Stella estava lá sentada dentro da casa, eu só sei que eu vim embora, trouxe o Ministro pro hotel, porque eu não sabia mais o que fazer.

Eu não pude, realmente, chegar até mãe Stella, porque tinha muita gente no recinto, ele estava com dificuldade de respirar, e o que mesmo queria era tomar um banho, quando chegasse no hotel. Deixei ele no hotel, meia hora depois, liguei para saber se ele estava bem. No dia seguinte,



fui levá-lo ao aeroporto, e ele me disse: “O dia que a senhora tiver oportunidade, pergunte a Ela o que aconteceu comigo.” Eu estou lhe perguntando, nessa oportunidade.

Mãe Stella

– Juro que eu não pensei que a senhora estava aqui para fazer uma consulta à distância! Veja bem... com ele, duas coisas poderiam ter acontecido: qual a cor dele?

Uilma

– Mestiço.

Mãe Stella

– De repente, ele tem alguma gotícula do sangue africano, tem alguma herança, ainda mais se é de Angola, né? Os angolanos foram a primeira leva de escravos que vieram para o Novo Mundo. De repente, ele tem alguma espiritualidade, e isso o incomodou. Por outro lado, pode ter sido emoção, porque a casa estava cheia... havia muita gente, entendeu?

Então, ou foi emoção, ou foi orixá mesmo. Nem eu posso dizer, só ele, porque, mesmo em Angola, essa tradição está quase esquecida. Ele era cubano? Ah! Ele é cubano. Pronto! Cuba está infiltrado. [Risos]

A outra coisa que você falou, o que foi? Ah... realmente, a oralidade está incomodando até a mim, porque, quando eu aprendi essas coisas de que falo, eu não tinha nada para anotar, era proibido! Atualmente não dá, e eu tenho pensado no porquê: primeiro, porque todo mundo gosta do mais fácil; depois, porque o tempo atual não dá! Eu tenho apenas 60 anos que



fui iniciada e, nesse tempo, lá não existia luz elétrica, não existia água encanada, entendeu? A gente andava quase uma hora de ônibus, de bonde, porque o transporte era bonde, né? Eu, nesse tempo, fazia parte da elite, porque era estudante, mas as outras senhoras eram lavadeiras, eram domésticas, nem domésticas, eram vendedoras ambulantes e donas de casa, não trabalhavam, mas tomavam conta das suas casas.

52

Era isso. Quem ia vender era livre. Era liberal. Ia, se quisesse, se não quisesse, não ia. Até mesmo dentro do Axé, a gente passava os dias lá direto. São não sei quantos dias para Oxalá, sem sair aqueles dias todos. Tínhamos tempo de conversar com os mais velhos... Naquele tempo, o mais velho não ia sentar para fazer assembléia com ninguém. Se quiséssemos aprender, aprendíamos vendo. A coisa era mais diferente. Você ficava até com medo de tomar uma informação com uma senhora daquela: “Para que você quer saber?”. A resposta era essa.

Então, se você queria aprender, tinha que ficar atenta. Quem gostava, tinha tempo suficiente. Se ouvia uma explicação aqui, você ia para casa, lembrando dela. Lavando sua roupa, passando ferro, tomando conta do menino, você poderia estar mentalizando aquilo, podia até estar decorando. Hoje não, você está lá com as obrigações com o santo, de joelho e tudo mais e daqui a pouco : “Ô meu Deus! Esqueci de desligar o computador! A máquina de cálculo ficou errada!”. A vida está muito diferente, está muito tumultuada.

Essa coisa de informática é bom por um lado, mas é uma faca de dois gumes: ela tanto ajuda a uns como prejudica a outros. Mas eu acho também que o orixá gosta de uma evolução! Se ele não gostasse de evolução, não



nos dava condição, e a gente não estaria aqui agora. Então a gente tem que conciliar a cultura com a religião, para poder as coisas darem certo.

Ana Couto

– Mãe Stella, eu estive mais próxima do Ilê Axé na ocasião do Projeto São Bartolomeu, quando dois filhos de santo do terreiro... estivemos trabalhando juntos no sentido do resgate ambiental, cultural e religioso do parque São Bartolomeu. Uma das questões que nós trabalhávamos muito nas escolas do subúrbio, naquela ocasião, era o entendimento da oferenda, porque as pessoas lidavam com a oferenda como algo que representava sujar a rua, ou algo mal entendido, algo maléfico e principalmente sujo.

Eu me lembro, naquela ocasião, que um dos ensinamentos e das memórias do candomblé é que o parque, assim como outros lugares da cidade, eles eram ainda bastante conservados do ponto de vista ambiental, das árvores, de alguns animais que viviam e que, de alguma forma, se alimentavam dessa oferenda após o orixá ter retirado a energia.

Eu queria que a senhora explicasse mais essa questão ambiental, o desenvolvimento da cidade com menos áreas verdes e a questão do candomblé. Será que nós vamos chegar em um momento que nós vamos ter um painel virtual com árvores para podermos colocar as oferendas?

Mãe Stella

– Veja bem, pra gente, a oferenda é, como você falou, uma troca de energia. Como você é religiosa, sabe que toda religião tem aqueles fanáticos, tem aqueles que apelam para religião da negatividade e tem



aqueles que apelam para as coisas positivas. Essas oferendas, quando são dadas, têm um determinado sentido, mas, se a pessoa pensar bem, não adianta botar um negócio no asfalto, aí é sujeira. Se a pessoa coloca no mato, em um determinado lugar certo, que o orixá determina, então isso tem um sentido litúrgico. Aquilo são matérias orgânicas, aquilo depois vai se transformando em adubo. A terra é aquilo que transforma, que muda as energias.

54

Com a evolução e também com essa questão de que é uma prática discriminada, fica ruim, porque entra naquela de perseguição e nós temos o cuidado de... Esse material, quem olha, vê que não vai prejudicar a terra de jeito nenhum. São coisas que depois se transformam em matéria orgânica como já disse. Para nós a oferenda é de muito valor, porque é energia que é posta, que é reconquistada.

De todas as religiões, o candomblé é a que mais enfatiza, mais valoriza, mais cuida do vegetal, de toda a natureza, porque se a gente precisa das folhas, é justo que a gente procure conservar. Você vê que existem árvores com mil anos aí, e todo candomblé tem seu pequeno parque guardado, porque nós valorizamos, nós cultuamos as plantas. Então, é evidente que nós não íamos botar nada que fosse decompor, estragar uma plantação. Aí, rapaz, é coisa da oposição!

Carla

– Mãe Stella, eu tinha duas perguntas. Uma era sobre as oferendas espalhadas pela cidade. Eu ficava pensando: se isso é uma coisa sagrada, alguém colocou aqui com o intuito religioso e depois vem o caminhão do lixo e joga para dentro do caminhão com aquelas outras coisas, teve



algum sentido, teve algum proveito? Será que está errado? Será que está certo? Isso a senhora já me explicou. A outra coisa, eu só posso falar por comparação, porque o candomblé eu, infelizmente, ainda não conheço. Eu até já escutei comentários maldosos durante a minha vida sobre o candomblé. Uma das coisas sobre o que sempre ouvi comentário maldoso e que eu não sei de onde partiu, dizia que, por exemplo, na religião cristã, existe uma separação: deve-se cultuar o bem, o bem está presente nos santos, em Jesus e aí tem a outra parte, a parte do mal que, no caso, seria o diabo, o demônio que deve ser abolida. Tem aqueles que fogem e que cultuam esses demônios.

55

No candomblé, sempre se dizia que tudo era uma coisa só, que era magia negra, magia branca, trabalho pro bem, trabalho pro mal, tudo junto no terreiro. Essa confusão muito grande sempre esteve comigo. Talvez eu esteja falando aqui uma grande bobagem, mas, se a senhora falar um pouco sobre isso, a senhora vai tirar essa confusão da minha cabeça e da cabeça de muita gente que fica espalhando folhetinho: são satânicos! São satânicos!'. Queria aproveitar esse momento para desmistificar isso.

Mãe Stella

– Quando fazem essas conversas sobre o candomblé e as oferendas, você vê a discriminação. Isso porque é uma religião que veio dos negros e que é africana. Nada que venha dos negros seria valor para eles. Mas, se você levar no lado inteligente, você vai ver que, na própria Igreja Católica, existem pessoas rezando para tomar o marido da outra, mil coisas aí, acendendo vela com o santo de cabeça pra baixo, tudo da Igreja Católica. Ninguém discriminou, ninguém nunca falou mal, nem



disse que eles tinham parte com o diabo, que é criação deles também. A Igreja Católica foi quem o criou, porque era a religião dominante.

Há tempos aí, o Vaticano mandava no mundo. Agora já melhorou, mas... então a gente espera cumprir a nossa tradição e não diminuir a dos outros com coisas negativas. Nós nem conhecemos o diabo. O diabo não existe. O mal está em nós, cada um está com seu mal e com seu bem. Uma coisa muito forte é a força do pensamento, a pessoa, quando tem uma mente deturpada, poluída, ela nunca pensa pro bem, ela pensa sempre pro mal. Um cara tem inveja do outro e faz promessa na igreja para fulano quebrar o pé, acende vela... No candomblé não existe diabo.

Essas oferendas são feitas, porque, se você tem um pedido, deve fazê-lo diretamente à própria natureza, porque o orixá é uma coisa invisível. Quem tem Axé vai no pé do orixá e bota, quem não tem, vai e bota no tempo, que é pro próprio tempo absorver a negatividade.

Esse negócio de trabalhar pro mal está dentro de cada um, eu não tenho esse negócio com o mal, não tenho axé para isso. Nenhum deus representa o mal.

Rebeca

– Eu tenho duas perguntas também: uma, é que eu nunca consegui entender se existe realmente uma diferença entre candomblé e umbanda, se existe, qual seria a raiz dessa diferença, o que faria com que um fosse diferente do outro?

Outra questão é assim: eu conheço uma pessoa que foi criada num meio que não tinha nada a ver com o candomblé, a família era de pessoas



evangélicas e católicas. Ela então resolveu ir pro candomblé. Muita gente dizia que não tinha nada a ver com ela, e ela discordava. Foi, mas dentro lá da própria casa, chegaram a dizer para outra pessoa, não para ela diretamente, que ela nunca ia chegar a algum cargo alto dentro do candomblé.

Existe essa diferença de uma pessoa que nunca pode chegar a alguma coisa, ou é uma opção da pessoa? Ou sempre que a pessoa quiser se dedicar, ela pode chegar e ter algum cargo? Como é que isso é definido?

Mãe Stella

– Quem vai pro candomblé, para um lugar de axé, para ser iniciado, para cultivar orixá, eu acho que ele vai para receber as graças e trocar. Ele dá o serviço, dá o pensamento, faz as oferendas e vai receber em troca uma energia boa que dê a ele um equilíbrio, que dê a ele uma força. Não adianta você ir pro candomblé já pensando em ser mãe de santo, ter um cargo, aí já não merece mesmo. Ninguém sabe se essa pessoa é simpática ou antipática, ninguém sabe se ela chegou lá com boas maneiras ou chegou querendo impor algumas coisas. No candomblé, não tem hipocrisia, tem disciplina. Tem lugares aí que você é disciplinado queira ou não, mas lá você aprende a ser disciplinado.

Essa questão de evoluir espiritualmente depende da pessoa e do próprio caminho. Se essa pessoa gosta do candomblé e se sente bem lá, ela pode ficar toda vida nessa casa como visitante, como amiga. Lá em casa tem gente que vai, senta no batente, fica sentado a tarde inteira e volta satisfeito. Tem gente que vai e pede para dormir, não tem isso que, porque entrou, tem de fazer parte. A gente faz parte de maneiras diferentes.



Sidnei

– Eu acredito que a presença da mãe Stella na nossa universidade hoje é a proposta da universidade aberta que vários professores aqui - incluindo a direção - têm abraçado: a universidade aberta para o social. Minha pergunta para senhora é assim: que tipo de conhecimento a senhora acha que deveria fazer parte da formação dos nossos professores na faculdade, que viesse atender à comunidade que a senhora faz parte, já que é essa a nossa proposta de universidade aberta, que atenda às demandas sociais, que, enquanto universidade pública, ela pratique essa função realmente?

58

A outra pergunta que eu tenho para senhora é: a organização da casa se faz pelo coletivo. Isso é muito rico, porque a gente acredita que favorece a democracia, a solidariedade, conseqüentemente, isso contribui para uma formação política. Para algumas religiões, não se deve misturar política, ou seja, quem faz parte de uma religião não deve lutar contra as injustiças sociais, não deve buscar uma vida mais digna. Mas, diante da organização das casas de candomblé que favorecem esse discurso da democracia, como é que a religião vê isso? As pessoas que freqüentam podem lutar? E como lutam contra as injustiças sociais?

Mãe Stella

– Você vê que, quem mais sofre injustiça social, é o povo ligado à crença dos orixás que, na maioria, é negro, é quem mais sofre. Se nós ficarmos de braços cruzados esperando que o orixá deixe cair do céu... Nós temos obrigação de lutar pelo melhor! Nós não devemos tumultuar, fazer anarquia, mas nem toda luta é pacífica. Às vezes, você luta discutindo



mesmo, tomando atitude e, às vezes, você luta mentalmente. Nós temos obrigação de lutar tanto mentalmente como com atitudes, com ações, para que termine essa desigualdade social.

Quando se fala em universidade aberta, o nome já está dizendo que temos que estar abertos às intenções de todas as pessoas. A universidade é a formação de indivíduos que vão fazer o Brasil com o futuro amplo, aberto e feliz. Eu acho que vocês têm que estar abertos a todos os pensamentos, contanto que não sejam coisas negativas de anarquia nem guerrilha.

Vocês tiveram uma atitude interessante, quando me chamaram aqui para falar de coisas ligadas às crenças nos orixás. Que amanhã chamem um batista, um padre, abrindo a cabeça das pessoas para se ver que se pode viver num mundo, cada um seguindo a sua crença, tendo a sua experiência, contanto que não se tente tumultuar o caminho do outro. A universidade é uma escola que nos ensina a viver com a diversidade. É isso que nos faz chegar a ser a Bahia, esse estado bonito, colorido. A Bahia é o estado mais colorido que existe. Você passa no elevador e vê aquele negócio bonito: preto, branco, mulato todo mundo misturado, então a cabeça também tem que estar assim, pensando no outro como um ser igual a si, sem lembrar de cor, religião.

Vamos ter compromisso com o bem, com a verdade, com a coerência e aí a universidade vai bem, mas eu acho até que Deus está ajudando, Senhor do Bonfim, que é o dono da Bahia, é quem está colocando na universidade pessoas que pensam, que têm um discernimento bom para formar uma universidade aberta mesmo.



Antonieta

– Segundo relato de uma amiga minha, ela morou cinco anos no Senegal, ela dizia que lá tinham sessões musicais dentro de uma gruta, para fazer tratamento nas pessoas que tinham problema de esquizofrenia. Eu queria saber se aqui também tem esse tratamento com a música, com os atabaques. Eu sei que lá no Iguape, que era um antigo quilombo, tem uma gruta, o pessoal faz todo um ritual dentro da gruta, mas eu não conheço direito. Eu queria, por isso saber mais, se aqui também tem.

60

Mãe Stella

– Nós temos uma gama de danças, fazemos muitos rituais com danças, com cânticos, mas essa questão de curar... Nós não somos curandeiros, nós melhoramos o espiritual. Às vezes, o sujeito virou esquizofrênico, porque é tão tumultuado espiritualmente, tem tantas coisas atrasadas pra botar em dia, que acaba incomodando a cabeça, colocando nela uma esquizofrenia. Nós trabalhamos com o espiritual e é claro que, se o Ori estiver bem protegido, não haverá essas doenças, nem esquizofrenia, nem ataques, nem nada disso. Às vezes, a pessoa melhora se esse mal-estar for causado por espiritualidade baixa.

Manoel

– Bênção, mãe Stella. Eu queria fazer duas perguntas e a terceira seria um pouco uma defesa que eu sugeriria que a senhora fizesse. A primeira pergunta é a respeito das quizilas, do que é proibido e do que é liberado no candomblé. A segunda não é bem uma pergunta. Eu queria que a senhora falasse um pouco do poder das cores, como os orixás usam essa relação da cor: orixá/dia da semana, isso é uma coisa que eu observo



aqui em Salvador e a gente faz até intuitivamente. Existe uma relação? Agora a defesa. Eu queria que a senhora fizesse a defesa de um orixá injustiçado, inclusive o pessoal batista ataca demais ele, o Exu. Eu queria que a senhora fizesse uma defesa do Exu, que, a meu ver, é o principal orixá, o orixá da comunicação. Até coloco ele como o orixá feniótico, que é o que tramita no meio dos outros.

Mãe Stella

– Se eu for falar para você agora das quizilas... primeiro: é quizila falar das quizilas! Se eu for falar de todas essas cores dos orixás, passaria mais uma manhã de conversa. Quizila quer dizer proibição, então nós, na nossa prática, temos as nossas proibições. É aquilo de tal orixá não faz isso, de tal que faz aquilo, tal dia faz isso... é uma coisa muito ampla e é difícil eu dizer, mas você, quando tiver lá, a gente conversa sobre isso, viu?

Sobre Exu. Se Exu for do mal, quem fez ele do mal foram os crentes, foram alguns católicos mal informados. Exu é comunicação, é movimento, é apropriação... Ele é o princípio de tudo. Como cada um tem o seu atributo, uma vez que ele é o da comunicação, ele é o recadeiro, né? Ele que leva os nossos pedidos para Olodumare, para Olorum. Quem quer pedir, pede tudo a ele. E por ele ser mensageiro, todo mensageiro é um pouco interesseiro, né? Então, se eu pedir ao cara e ele achar uma gorjeta, todo dia ele vai querer dar aquele recado à pessoa, porque ele sabe que vai receber.

Apesar dessas características meio desarvoradas, as pessoas fazem o quê?! “Ah! Vou mandar uma carta para Exu, vou dar um dedo a Exu para não sei o quê...”. Coitado! Ele fica levando essa fama sem proveito. Às vezes, um



vizinho chega e diz que vai te entregar a Exu e que a encruzilhada está ali... então as pessoas fazem dele uma figura má, um orixá mau, mas não é.

Olga

– Bom-dia, mãe Stella. Eu pouco entendo de candomblé, porque, inclusive, eu cheguei ao Brasil, quando tinha 8 anos, vindo de outro país. Eu queria saber como fica a questão do despacho, porque eu tinha pais que não entendiam nada de candomblé, eram de outra cultura. A gente sempre soube que, no despacho, a intenção é má, porque o indivíduo vai e encomenda ao pai de santo a morte de fulano, prejudicar sicrano. Então eu não sei se isso é permitido no candomblé. É legal? É condenado? Alguns fazem?

62

Eu acho que todas as religiões deveriam ter algo em comum: pregar o bem, mas eu vejo que a própria religião católica, os reis se diziam católicos e faziam guerras, matavam milhões de pessoas, assim fazem os muçulmanos com a Guerra Santa. Eu sou agnóstica, mas sou curiosa. Gostaria de que a senhora me explicasse: despacho é o quê? Eu, aqui na minha ignorância, vi que despacho pode até matar uma pessoa! Uma mãe de santo disse que, quem entra no candomblé, não pode mais sair porque, se sair, vai ser pior para a pessoa...

Mãe Stella

– Em qualquer tradição religiosa sempre existem bons e maus pensamentos, boas e más ídoles, existem os insatisfeitos, os invejosos, tem de tudo... Há pessoas capazes de tudo! Só por essas táticas que o povo do candomblé conseguiu respeito... “Não mexa com ele não, que ele é



filho de santo, se não ele te mata!” Essa fama foi crescendo! O dia que o candomblé resolver trabalhar pro mal, não adianta ter Deus, ter orixá nem nada disso. São as pessoas que fazem essas coisas.

Tem gente que pega fama de feiticeiro... Que nada!!! Ninguém tem condição de tirar o que Deus fez, de matar o outro, não existe isso não. Às vezes, o sujeito se mata de tanto medo.

Lázaro

– Mãe Stella, eu sou do terreiro Omi Arimassô, filho de santo de Bel e sou abian na casa dele. Eu não tive oportunidade de perguntar a ele, venho perguntar à senhora: eu queria que a senhora me explicasse o que significa babalorixá.

Mãe Stella

– Isso está no dicionário iorubá. Baba significa faz, orixá significa ser supremo, então Babalorixá, bota apóstrofe para dar ênfase, então babalorixá ou ialorixá é pai ou mãe do santo

Felippe

– A minha fala é muito mais dirigida a nós. Nós da Faculdade, nós da universidade. Assistimos hoje de manhã uma diferença essencial e que a universidade ainda não consegue reconhecer por causa do seu iluminismo. Assistimos à diferença entre conhecer e saber.

Nós tivemos hoje, em Mãe Stella, uma expressão de sabedoria, não de conhecimento e que é uma coisa muito mais profunda do que o que se faz dentro da universidade. Existem saberes de pessoas dentro da universidade,



mas às vezes, ou sempre, esses saberes não são reconhecidos se não forem transformados no que se chama conhecer. É interessante, porque o inverso é que deveria ocorrer. Transitar pelo conhecer e chegar ao saber.

A universidade tenta reduzir quem sabe para quem conhece. Essa é a grande lição que a Faculdade de Educação, com a felicidade da direção de Nelson, que não era o diretor há quatro anos atrás e trouxe uma outra sabedoria, que é a sabedoria das crianças e que agora, enquanto diretor, traz essa sabedoria de Mãe Stella para dentro da universidade.

64

Eu, como Reitor durante cinco anos, lutei para abrir essa universidade e para que ela encontrasse um novo caminho, que seria o caminho do saber, e não do conhecer. Fico muito feliz, agradeço imensamente à Mãe Stella e espero que a senhora, agora como membro do Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia, fale essas coisas pros nossos pobres dirigentes. Obrigado.

Nelson

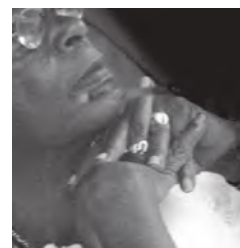
– Mãe Stella foi eleita como suplente, a primeira suplente no Conselho Universitário, na primeira reunião de 2001. O novo estatuto da universidade prevê que, na composição do Conselho Universitário, três membros sejam pessoas de expressão na comunidade baiana. A idéia é oxigenar o Conselho Universitário. O nome de Mãe Stella era um deles e foi eleito como suplente. Isso para nós da FACED é uma honra muito grande. Houve um momento, no início da organização desse evento, que chegamos a pensar que nosso convite à Mãe Stella era porque ela fazia parte do Conselho. Pelo contrário. Não foi isso, ela já estaria aqui, porque era a sua sabedoria que nos levava a pensar que, de fato, ela deveria ser do Conselho Universitário.



Hoje, nós temos uma oportunidade dupla de, em nome da universidade, mesmo sem estarmos autorizados para isso, mas com a nossa costumeira ousadia, de dar as boas vindas à ela como conselheira e, principalmente, à Faculdade, neste início de mais um semestre, com uma programação que passa por outros caminhos, como a senhora mesmo tinha colocado, em termos de diversidade. O que esperamos é que a gente consiga, efetivamente, ter aqui dentro a diversidade. Sobre isso aprendemos muito nesta manhã. No meu ponto de vista, essa foi a lição maior que a gente poderia dar como abertura de semestre.

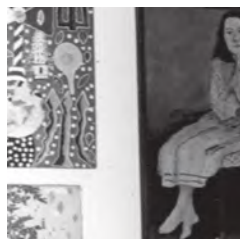
A senhora dizia ali para um repórter, e eu anotei rapidinho: “Aqui é tudo em cima de ensinamento” e, para mim, o ensinamento é sempre conversa, é sempre diálogo. A gente tem muito pouco tempo para conversar, justamente porque o aluno entra correndo, sai correndo, cumpre burocraticamente as obrigações e vai embora.

Então, aqui dentro mesmo, nós temos uma aula magna como essa que a senhora proferiu e, certamente, em outras salas estamos tendo aulas *pequenininhas*, porque existe a crença de que o currículo, de que o cotidiano na universidade, se faz por esse ajuntamento de coisas pequenininhas, não por uma coisa grande como essa, que foi essa nossa conversa.













*Ser professor
é gostar
do outro*
Juvany Viana



Felippe Serpa

73

– Inicialmente queria lhe dizer, Professora Juvany, da importância da senhora estar aqui, principalmente nesse país de grandes desigualdades sociais e de grandes discriminações. A senhora é uma mulher, então já é discriminada. É negra e é nascida num povoado de distrito rural. A senhora viveu esses cinquenta anos no meio da discriminação e, a partir disso, eu gostaria de lhe fazer um pedido inicial: a senhora poderia nos contar a sua história, mesmo sabendo que ela não é muito curta? Acho que a gente precisa ouvir um pouco sua história.

Juvany Viana

– Bom-dia, pessoal! Eu comecei a estudar com sete anos de idade. Na minha localidade, não existia colégio. Meu pai, que queria que os filhos dele aprendessem, me trouxe para Salvador. Primeiro, levei um tempo morando em Santiago do Iguape (distrito rural no Recôncavo baiano, a 110 km de Salvador), depois o pessoal que estava comigo se mudou pra Salvador, e eu vim também. Morei em São Caetano, estudei no Colégio Cônsul até a sétima série. Daí, a minha mãe adoeceu, e eu tive que vir



embora. Faltando um mês pra fazer um ano que meu pai morreu, minha mãe também morreu. Meu pai morreu no dia 30 de maio de 71, e minha mãe morreu no dia 21 de abril de 72. Eu já cuidava de minha mãe, aí ela morreu, e eu me acabei! O jeito que tinha era ficar lá, porque eu sou a mais velha, e meus irmãos estavam todos pequenos. Criei todos eles. Batalhei! Não conto nem essa história de batalhar, porque foi história dura. Às vezes, eu lembro e dou risada. Às vezes, eu choro.

74

Não tinha mais como sair pra estudar, porque já tinha filho e marido. Coisa que eu não sabia fazer, e aprendi. Fui trabalhar na roça, e o tempo foi passando. Quando eu estava com vinte e dois anos de idade, em 79, época de eleição, chegou lá no Iguape um rapaz que era vice-prefeito de Cachoeira (distante 40 km de Iguape), Seu Geraldo Simões. Nessa época, eu já tinha quatro anos ensinando como voluntária. Juntei duas mesas com aqueles bancos de tira e queria que aquelas crianças aprendessem, porque o meu instinto era ter um colégio no local.

Um dia Seu Geraldo chegou e disse que, se ganhasse a eleição, iria me ajudar. Ele ganhou. E quando ele tomou posse, chegou lá em casa e disse: “Negona, agora é sua vez!”. Ele me pegou, me botou no carro dele e me levou pra Cachoeira. Eu só tinha identidade. Lá eu tirei retrato, e fiz a profissional. Depois ele me levou na Receita Federal, fiz o CPF. Na mesma hora, ele me levou pro banco e disse que eu já podia considerar que eu estava trabalhando.

Matriculei sessenta meninos. Não tinha lugar pra eles sentarem. Aí eu coloquei uma lata de um lado, uma lata do outro, com uma tábua no meio, aí sentava todo mundo. Fiz uma campanha para os pais: “Quero



um banco de cada um!” E muitos fizeram bancos, arrumaram tábuas... Eu botava um em cima do outro. O vice-prefeito me ajudou, porque, pelo menos, me arranhou um emprego. Aí eu fui levando. Somente dois anos atrás, o prefeito que já saiu, fez o prédio. Quando esse que tava sendo prefeito saiu, quem entrou foi o vice dele. Isso foi ótimo pra mim! Só que o prédio é de massapê ferrado e aí rachou, quebrou, acabou tudo. Eu nem cheguei a ensinar nele.

Meu maior ideal era ter um prédio no local. Eu sonhava com essa escola! Não precisava ser como a que eu estudei, mas que fosse uma escola pequenininha, arrumadinha, bonitinha, né? Só agora que esse prefeito fez esse colégio, mas eu ensinei o tempo todo dentro do meu salão, que eu construí com meus irmãos. Pra encurtar mais essa conversa, eu já ensinei até em banco de pé de coco. Mandava derrubar os pés do coqueiro que morriam, mandava serrar e fazia banco para os meninos sentarem, porque eu não queria nenhum fora do colégio. Quando eu soube que o colégio tinha direito a merenda, eu comecei a buscar por isso. Hoje, eu é quem faço a merenda no meu colégio, faço tudo, porque eu quero que tenha aula.

Meu maior sonho foi conseguir ensinar e... consegui! Eu fui tirada, com sete anos de idade, pra vir pra cidade, pra estudar e todas as pessoas mais velhas do local ficaram. Ainda hoje não sabem nada. Até hoje eu mando tarefa pra casa, e tem pais que não sabem ensinar e tem os filhos que já sabem a metade. Hoje eu já me sinto feliz! Eu digo assim: “Não tem quem lhe ensine? Vá pra casa de fulano!”. Hoje eu me sinto na maior alegria, pela idade que eu tenho, pelo sacrifício... Sempre brinquei de



roda com eles, sempre pulei corda, mas eles sabem que têm horário pra tudo! Minha maior alegria é ter conseguido isso!

Eu não terminei de estudar. Professora leiga não tem o mesmo salário, mas a minha prioridade é que eu estou fazendo o meu trabalho. Eu posso até não estar fazendo bem, porque eu não tenho o linguajar de faculdade, mas consigo labutar com eles. Pra mim, eles estão aprendendo alguma coisa, sei que eles estão conseguindo e, por mim, eu tiro que eu tô fazendo alguma coisa de benefício. Não fiz magistério, porque não tive oportunidade, mas Deus me iluminou, e eu trabalhei naquilo que eu queria. Sempre quis e me desdobrei. Assim me desdobro, pelos meus alunos, por essas crianças.

Às vezes, eu sou meio rígida, mas a maior parte deles, quando chega perto de mim, diz que eu sou doce. Tá chegando a Semana Santa, e eu já fico preocupada, porque eles vão pra lá e, antes de verem os pais, vão me ver. Meu marido tem uma quitanda, e eles primeiro tomam uma lá [risos] e ficam esperando pela comida. Eles não vão embora, enquanto não comem. Eu tenho alunos que moram aqui, que os pais já vieram pra cá também, mas que largam de passar o primeiro do ano com a mãe, pra passar comigo e comer a comida “da gorda”. Eu me sinto feliz! Eu brinco, boto pra fora... Ficam sempre todos lá em casa, e com a maior consideração. Isso pra mim é muito importante. Não com egoísmo. Eu sei que eu fiz alguma coisa muito importante e tô fazendo alguma coisa muito importante.

Aquilo que eu queria era que o local tivesse um colégio e eu consegui. Agora eu vou contar a história do colégio. O prefeito começou a fazer o



colégio. Mandou a metade do material. Eu, por incrível que pareça, inventei de fazer uma casa grande pra mim lá na roça. Depois que a de massapê rachou, eu disse que queria uma casa boa. Fui lá no depósito e comprei cinco mil blocos, não sei quantas caçambas de brita, comprei ferro e depois deitei no travesseiro e pensei: “Rapaz, como é que eu vou gastar um dinheiro desse pra fazer uma casa aqui? Um lugar onde não vem ninguém, que só tem mato!”. Aí mudei de idéia. Deixei o material todo em casa. Consertei a casa que eu morava, falei com meu marido e fui negociar com o prefeito. Até hoje tem dívida dele lá, mas eu não me importo. Usou os meus blocos, mas o importante é que fez o prédio, botou as cadeirinhas bonitinhas e eu tô lá ensinando. Perdi o material todo, metade dos blocos eu doei, a outra metade eu levei pro Iguape, porque eu comprei uma casa lá.

O importante é que o prédio foi feito e eu tô ensinando nele, na maior alegria. Coloquei um fogão lá para a merenda, tudo o que tem na cozinha é meu, mas eu ainda tô buscando a merenda. Eu tô soltando agora onze horas pelo seguinte: quando os meninos voltavam do recreio, estavam com fome e não queriam ficar mais. Então, eu solto mais cedo, eu já deixo a tarefa pra eles levarem e irem embora e pronto. “Até amanhã!”

Quando a merenda chegar, não se preocupe, eu vou buscar. Eu levanto quatro horas da manhã e faço a merenda. De tarde, eu faço um feijão tropeiro miudinho e deixo tudo pronto. No outro dia de manhã, eu levanto quatro horas da manhã, boto tudo no fogo. Se não tiver o gás no colégio, eu cozinho no fogo de lenha e levo a merenda pra eles.



Essa semana eu inventei com eles, na hora do recreio, de ver o espaço, na aula de Geografia. Falei com eles sobre as canas, araçás, a natureza e pedi pra eles levarem no outro dia araçás maduros. No outro dia, fiz doce... Deu um trabalho danado! Na semana passada, eu pedi mamão verde, e fizemos doce de mamão verde com coco ralado. Os maiores descascaram o mamão, outros ralaram o coco. Depois eu pedi uma idéia deles (eu sempre peço a idéia deles!) para a gente não comer o doce puro, aí um disse: “Compra pão!” Eu disse: “O pior é que eu não tenho dinheiro...”. E eles: “Cada um dá um tanto, professora.” Eu disse que como só tinha aula até quarta-feira, a gente iria comer terça e quarta. Segunda, eu mandava trazer o pão de Cachoeira. Quando foi terça e quarta, a gente comeu pão com doce.

Felippe

– Juvany, eu tenho a informação de que você tem a sua filha... Como é que você divide o trabalho com ela na escola?

Juvany

– No ano passado, a minha menina ensinou a alfabetização, mas esse ano eu não dei pelo seguinte: eu tô tomando o curso Pró-Formação (curso de formação para professores, oferecido pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB). Eu fiz o supletivo em Feira e agora tô tomando o curso Pró-Formação a distância. Como eu tô fazendo esse curso... alfabetização, pra trabalhar com crianças, que é o que eu sempre gostei e a minha filha não gosta muito de brincar... Ela tem jeito de professora de terceira e quarta série, ela já se formou, e eu, pra dar aula de Matemática... eu pego livro, leio e releio... Além disso... estudar no candeeiro é difícil! Estudo muito



pra passar pra eles e eu como professora leiga... eu não quero que falem mal de mim, quero sempre que falem bem! Então, ela tá ensinando à quarta e à terceira, e eu tô ensinando alfabetização e primeira série. Eu tenho 31 alunos pela manhã e 23 pela tarde.

Eu já ensinei três vezes no dia: de manhã, de tarde e de noite. Ensinava primeira e segunda de manhã, porque antigamente não tinha alfabetização lá, terceira e quarta de tarde e de noite ia labutar com o SESI, o Mobral. Ensinei muito aos pais de meus alunos. Hoje minhas filhas me ajudam. Aquela dali mesmo [apontando para a filha na platéia] começou a ensinar desde a oitava série, hoje Rosinádia já se formou, veio embora pra Salvador e a outra é quem tá lá comigo. É bem legal a “parceragem” com a minha filha. Agora, ela tá ensinando pra eles a aula de dança.

Felippe

– A gente sabe que você, como professora, usa muito as linguagens da arte para o desenvolvimento da criança. Você poderia falar um pouco sobre isso?

Juwany

– Hoje eu coloquei na quarta série, na terceira, pra ela ensinar aula de dança. Eu chamei um rapaz que ensina capoeira. Ele tá indo dia de quarta na hora do recreio, e a menina ensina às sextas-feiras as aulas de dança pra eles. É legal! Eles estão empolgados! Agora, eu comprei um rádio. Lá não tem energia. Só brincar de roda não dá! Pro rádio são seis baterias!!! Aí meu marido diz: “Pronto! Acabou o dinheiro do mês!”. Minha menina diz que tem que ir pedir na prefeitura, mas eu ainda não fiz o pedido.



Felippe

– Nesses vinte anos desse trabalho com as crianças, sem escola, porque a escola era a sua casa, né?! Só de dois anos pra cá que você tem essa escola. Você usava muitas brincadeiras e trabalhos? Conte um pouco sobre isso.

Juvany

– Os alunos brincavam muito. Época de folclore? Eu me vestia de baiana. Sempre fiz um trabalho dramatizado. Fazia caruru, pipoca, samba de roda, um festival de coisas com eles! Agora mesmo vem o dia do índio. Eu digo pra eles que os índios ainda não se acabaram e peço pra dramatizarem, quando os portugueses chegaram, e eles ficam empolgados.

80

Felippe

– O Ananias, que é seu irmão, tem um grupo bastante grande de jovens que se chama *Grupo de Dança Afro Vale do Iguape* e se apresenta freqüentemente nas solenidades em Cachoeira, mas se apresentou também aqui, num Seminário Estudantil de Extensão no Palácio da Reitoria e também na área aberta do Pavilhão de Aulas. Eu tenho informação de que você participou da idéia desse grupo. Conte um pouco como é que isso surge e se desenvolve.

Juvany

– Por incrível que pareça, eu gosto muito do Carnaval... Falou em festa, eu acho que eu gosto de tudo! Só que eu sempre tive medo de ficar no meio do povo. A idéia começou, porque minhas irmãs chegaram aqui e acharam uma pessoa que incentivou elas a construir um grupo de dança, porque elas eram negras e bonitas. Elas formaram esse grupo junto com meu cunhado e com meu irmão, fizeram uma ala de dança. No Carnaval,



eu vim. Chegava perto do Carnaval, davam as férias, e minhas meninas tinham que vir logo pra ensaiar, porque elas saíam com as tias.

Eu amei a idéia, cheguei em casa e disse que elas iriam montar um grupo de dança com os meninos do Iguape. Falei pra elas que a gente tinha que mostrar a nossa origem ali na roça mesmo. Pronto! Chamei os meninos e aí começaram a ensaiar numa sede lá no Iguape. Chega época de eleição, aí os candidatos chegam e dão o maior apoio! A primeira roupa que a gente teve lá foi Lu quem deu. A gente foi apresentar em Cachoeira, e o povo amou! Primeiro começou no meu salão. Hoje, Ananias tem o grupo no Iguape.

81

Jorge

– Antes de mais nada, parabéns pelo seu trabalho. O professor Felipe falou de várias discriminações, e eu acho que a pior foi a de ser professora. Eu fiquei curioso em relação à material de trabalho: papel, lápis... de onde é que vem?

Juwany

– *Ispia...* agora mesmo eu recebi os materiais, mas tem época que é o maior sacrifício. Às vezes, eu compro com meu dinheiro mesmo. Chego em Feira de Santana (cidade a 50km de Iguape) e compro lápis de cores e tudo. Mimeógrafo, por exemplo, eu sonhava com um. Eu nem me lembro há quantos anos minha irmã levou uma pessoa no Iguape, que foi buscar uma coisa e ficou hospedada lá. Aí ela foi lá em casa, e me perguntou o que é que eu queria de presente. Eu disse que a minha prioridade era pedir coisas pro meu colégio. Eu queria um mimeógrafo. Meu sonho era



ter as coisas lá pra eu rodar sem precisar ir em Cachoeira, deixando meus alunos sem aula. Ela, assim que chegou em Salvador, comprou esse mimeógrafo e deu à minha irmã pra levar. Pra mim foi uma alegria! Até hoje eu dou mil améns pra ela e peço demais a Deus por ela. Se eu preciso de álcool, eu peço ao menino pra trazer pra mim e, de noite, eu já tô com meu plano feito e vou rodar, não tenho que ir em Cachoeira.

Rebeca

82

– Professora, uma curiosidade: hoje me parece que está mais fácil, pelo fato de a senhora ter um espaço maior, mais adequado e dividir o trabalho com sua filha. Porém, antes disso, pelo que eu pude perceber, tinha um espaço único e nesse mesmo espaço as crianças do pré à quarta série ficavam todas no mesmo ambiente. Como é que a senhora conseguiu conciliar a diferença do nível das crianças em um único espaço, com uma professora em um mesmo momento? Como é que se dá essa situação?

Juvany

– Eu sempre me desdobrei. Eu ensinava de manhã primeira e segunda série e, quando era de tarde, eu ensinava terceira e quarta. Teve época que eu ensinei com rodízio, porque era muito menino. Pra ser melhor pra mim, uma turma de terceira série de quinze alunos, uma turma de quarta série de dezessete alunos, seria difícil eu fazer um trabalho pra terceira. Tinha trabalho que eu podia levar terceira e quarta, mas tinha trabalho que eu não podia levar, porque era muito alto para a terceira. Então eu passei a ensinar das sete às onze para a primeira e segunda, das onze às três, eu ensinava terceira série e, das três às cinco e meia, eu ensinava pra quarta série. Foi bem melhor e foi coisa da minha cabeça!



Quando era coisa que dava pra fazer todo mundo junto, aí vinha todo mundo no mesmo horário. Tinha aula de recreação: costura, retalhos, a gente fazia tapetes, pra ensinar outra coisa a eles. Ano passado, a gente tentou fazer flores, depois inventei de pintar pedras. Faziam cobras, botavam olhos. Arte, não é?

Artur

– A senhora sempre fala da questão de ser professora leiga como se fosse uma deficiência. Eu vejo que é justamente o contrário, é até uma vantagem. Na escola, hoje, podem ter muitos técnicos pra ensinar as letras e os números, mas eles não conseguem fazer com que as pessoas sejam gente. Eu acho que esse é o grande desafio da educação. A senhora preferiu, frente ao abandono que existia, fazer história. Isso é de sobra e não de falta.

Juwany

– Mas *ispie* só... nesse caso, é você que tá falando isso aí agora. As outras pessoas não pensam igual, justamente por isso, as características são diferentes, o jeito de pensar, o jeito de olhar, de imaginar. Você acha que é ótimo, mas pessoas atrás dizem que não. Professores formados dizem pra mim que eu não recebo o salário igual, mas eu não me ofendo com muitas coisas. Sei dar o meu valor. Só quem dá o nosso valor, somos nós mesmos, né? Eu quero é fazer meu trabalho. Me esforço pra fazer isso. Mesmo que alguém não me dê o meu valor, Deus me dá.

Carlos Alberto

– Eu vejo muito a indiferença do aluno frente à escola e ao professor. A senhora chama os seus alunos pelo nome, tem um vínculo muito forte e



isso é de um valor e de uma sabedoria imensuráveis, mais do que as letras e os números.

Juvany

– Mas é isso. Eu já tô acostumada a conversar com eles. Eu digo que, além dos meus dez filhos, eu crio mais quatro. As crianças, se pudessem, chegavam lá em casa e não queriam ir mais embora. Eu crio mais quatro. Eu peguei uma com um mês e vai fazer vinte e três anos agora. Peguei uma outra com um ano e seis meses e já tá com dezessete. Tá fazendo o primeiro ano aqui em Salvador. Estudaram todos comigo! Peguei um com seis anos de idade que tinha ido passar as férias lá em casa e já tá com vinte anos. Estudou comigo, botei no ginásio no Iguape, e ele tá na oitava série. Perdeu esse ano! Só vem pra cá no Carnaval e quarta-feira de cinzas vai embora. A mãe dele mora *de junto* da minha casa aqui em Salvador. Ele me chama de mãe e chama a mãe dele de Vera. Tem mais um que mora lá perto mesmo.

Ispie só. Eu precisava de um menino pra ficar em casa, porque meu menino tinha ido pro colégio, aí ele apareceu lá em casa. Eu disse pra ele: “Só fica comigo quem gosta de estudar. Se não gosta, não fica.” O pai e a mãe dele estavam doidos pra que eu ficasse com ele. Aí levaram ele lá pra casa. Ele não gostava de fazer dever de jeito nenhum. A mãe dele dizia que, se ele me desobedecesse, eu podia bater. Acreditem, eu passei o dever, e ele foi jogar bola. De noite, eu chamei pra fazer o dever, e ele não quis. Aí eu não contei conversa... Rumei os livros mesmo pela cara! Aí ele chorou, chorou, largou tudo e foi embora. Os pais vieram me perguntar o que tinha acontecido e, eu disse: “Olhe, eu falei que aqui



em casa só ficava quem queria estudar e, como você mandou, eu dei uns tapas.” Aí ela fez: “Foi por isso? Então ele vai ficar!” Hoje ele me agradece, já tá na sétima série e não quer largar de estudar. Estudou do primeiro ano até a quarta comigo, botei no ginásio e tá na sétima série.

Ano passado, apareceu um com três meses, vai fazer um ano comigo. Meu marido já disse: “O jeito que tem é botar uma creche pra você!” E eu digo que eu gostaria mesmo de ter uma creche, sabia?

Felippe

– Eu queria dar uma palavra de consolo a você, como professora leiga, porque nos padrões acadêmicos da Universidade Federal da Bahia e das universidades todas do Brasil, eu também sou professor leigo.

85

Alessandra

– Eu queria perguntar ainda sobre essa questão do professor leigo, como é que entra o Pró-Formação na sua vida?

Juwany

– O governo federal diz que não pode ficar professor sem ser qualificado. Chegando em 2006, se não estiver aposentado, deve estar qualificado. Então eles passaram pra gente esse curso a distância. De seis em seis meses, vamos pra Santo Amaro (cidade também do Recôncavo baiano a 30km de Iguape), ficamos lá dez dias, levamos os módulos pra casa e, de quinze em quinze dias, tem reunião em Cachoeira.

Cada módulo dura uma quinzena. É difícil, eu tô me batendo com Matemática, tenho uma prova pra fazer amanhã. Levantei quatro horas



da manhã pra estudar Matemática... É a minha preocupação! Se tivesse uma pessoa no local que soubesse pra me ensinar... porque eu parei na sétima série e tem coisas mesmo que eu não sei, então eu fico preocupada! Os primeiros módulos foram bons, mas esses agora do segundo grau... Eu me acabei de chorar por causa de Matemática. Eu queria aprender, e não conseguia! Agora, no quarto módulo, eu tive que fazer recuperação paralela, mas pra mim é uma satisfação, porque, pelo menos, antes de eu morrer, eu vou conseguir aquilo que eu queria: ser uma professora!

86

Felippe

– Você acha que quando você acabar esse Pró-Formação, a sua prática na escola vai mudar significativamente? Você vai ser outra, ou você vai continuar com esse mesmo processo?

Juvany

– Tem coisas que estão me ajudando bastante, porque se eu já trabalhava assim com minhas crianças, agora com *incentivação* tá sendo bem melhor. Eu não vou negar que tem coisas que eu escrevo e tem coisas que eu me passo. Eu tenho que pegar o dicionário pra confirmar se é assim mesmo que escreve. O Pró-Formação tá me ajudando bastante, porque eu tô conseguindo aprender muito mais. O jeito que eu fazia, com a explicação, hoje eu já modifico pra melhor.

Nelson

– A senhora tá sempre dizendo que o Pró-Formação é a distância. Isso funciona? Será que dava pra fazer essas coisas também com as crianças a distância?



Juwany

– Aí é difícil, porque elas não estão perto de mim pra aprender, porque a mente delas é totalmente diferente da minha. Eu tenho que tá junto, olhando, pegando, confirmando, afirmando e ensinando. Lá, eu já tô com a mente mais madura, vou ler e tem vezes que eu vou pedir ajuda. Pra eles é bem mais difícil. Se pra mim já tá sendo difícil, então...Como é que, de longe, eu vou passar brincadeiras?

Albertino

– Eu tô aprendendo muito aqui. A escola precisa disso, a escola precisa desse afeto. A gente que tá aqui na Faculdade aprendendo todas as técnicas pra alfabetizar as crianças, tem que se tocar com o que você fala e que é muito importante. O tempo todo você falou da questão da continuidade, das crianças que saem da sua escola e que prosseguem os estudos. Eu acho que fica aqui essa lição de que essa receita precisa ser incrementada com afeto, com carinho, com amor. Isso garante essa continuidade, essa alegria de estudar.

87

Juwany

– *Ispie* só... tem uns três ou quatro anos que um aluno meu na quarta série perdeu, por causa de Matemática e Português. Ele não lia direito, não escrevia e dizia que não ia estudar mais, que ia embora, tava rebelde em casa, a mãe já tinha conversado comigo. Ele passou um ano sem estudar. Eu chamei ele e disse que não era por aí, que a vida não era assim e que eu ia matricular ele pra fazer a quarta série.

Quando ele chegou no colégio, eu sentei e conversei com ele bastante. Ele terminou a quarta série, e tá agora no ginásio. Veio embora agora



pra sétima série e não perdeu mais nenhum ano. Ele diz que, se não fosse por mim, ele não tava hoje na sétima série. Isso que é importante. Quando um chega sem querer estudar, eu incentivo e tento botar na mente deles que, sem estudo, não se consegue nada.

Eu não consegui fazer isso, porque eu tinha que ir pra Cachoeira. Se, quando eu comecei, tivesse ginásio no Iguape, eu tinha terminado de estudar. Hoje eu fico na maior felicidade. Faço o maior sacrifício pra ir pra Cachoeira, pra Santo Amaro. Eu largo tudo! Se não tem quem tome conta da minha turma, eu dispenso os meus alunos e vou receber as aulas da professora pra ir fazer meu trabalho.

88

Alair

– Eu comecei também numa escola bem distante, como professora da Prefeitura de Salvador. Depois do 19 BC, no bairro do Cabula, essa escola agora é grande, a Anfrísia Santiago. Quando eu comecei, eu andava dois quilômetros pra chegar até a escola, usava a minha saia curtinha, atravessava aquilo ali e andava pelo mato pra chegar na escola.

Minha maior alegria foi quando a prefeitura atrasou o pagamento. Nós fomos contratadas e passamos três meses sem receber salário. Quando nós recebemos, a minha maior alegria foi ter dinheiro pra comprar lápis, papel e uma porção de coisas pra levar pra sala de aula. Eu gastei o dinheiro todo com material, porque não havia nada para trabalhar com os alunos. Eu compartilho com você essa alegria que é fazer uma coisa dessas. Desprender-se e ter essa história pra narrar. Em Salvador, que é a capital, as escolas mais distantes também eram desprovidas de muita



coisa. Eu, por exemplo, era a única professora da escola por dois anos, depois chegou uma outra professora.

Eu fiquei me lembrando da minha história e da alegria que é contar histórias pra alunos, cantar na área de fora, essa coisa toda. Pra mim, a maior lição que você nos dá nesse momento é a da alegria. É essa coisa da alegria de realizar. Como isso é fundamental na vida de um profissional, de um professor. A alegria de acompanhar as histórias dos alunos, saber nomeá-los, o que eles estão fazendo, o que eles fizeram, de acompanhar o crescimento deles. Essa é uma história de sucesso que não é a freqüente história do professor.

89

A minha questão é a seguinte: o que eu sinto em você é uma capacidade de oralidade fantástica, apresentada aqui pra gente. Você é uma narradora! Isso pra mim é uma qualidade fundamental no professor. Narrar, saber contar história, conduzir. A minha pergunta é se essa capacidade você desenvolve nos alunos? Você, ao mesmo tempo que é capaz de narrar com essa vitalidade toda, é capaz também de escutar?

Jwany

– Eu paro pra escutar eles, depois eu continuo. Faço perguntas, depois eles respondem, aí eu continuo. Às vezes, mudo de um canal pro outro, porque, quando eu começo, eles chegam com outra história, aí eu mudo completamente.

Quando eles chegaram, eu perguntei assim: “O que foi que vocês fizeram hoje?”. Aí um diz que foi pra maré, tirou sururu... Eu espero eles falarem o que eles fizeram. Com os pequenininhos, eu perguntei o que eles tinham visto no caminho e eles: “Encontrei seu Fulano, dona Fulana, um



boi amarrado no caminho, um cavalo...”. Aí eu pergunto: “E ontem de noite? O que vocês fizeram?”. Aí eles me contam tudinho. Eu sempre me preocupo com isso, para eles aprenderem, se desenvolverem e serem comunicativos.

Nelson

– A senhora hoje está dando uma aula em uma escola que forma professor. O que é ser um bom professor? Aqui todo mundo ou é ou será professor. Nessa sua aula de hoje, como a senhora diria o que é ser um bom professor?

90

Juvany

– Eu acho que ser um bom professor é ser um bom amigo, ter uma boa compreensão, saber amar, ter uma frequência de carinho. Um professor se considera um pai, quer dizer, eu me considero uma mãe dos meus alunos a partir do momento em que eles chegam na sala. Ser um bom professor é ser compreensivo, é saber amar.

Eu já ensinei a alunos que os pais eram de mal comigo. Meu problema era com os mais velhos, as crianças não tinham nada a ver. Tudo o que eu sempre fiz pra um, sempre fiz pra todos, nunca tive diferença com os alunos, todos pra mim são iguais. Sempre quis ajudar a todos, que todos participassem, nunca quis ofender nenhum deles por motivo nenhum, nem os que os pais eram de mal comigo!

Tem uma aluna que perdeu o ano, e o pai dela é de mal comigo. Eu conversei com ela e disse: “Alessandra, você não vai passar de ano, porque você está ruim e tal.” Na hora, ela se aborreceu, chorou e foi



embora. No outro ano, ela passou. Fez a quarta série comigo. No fim do ano, eu tirei até as fotos, e ela me deu um cartão de Natal me agradecendo que era tão lindo e disse: “Professora, eu sei agora porque a senhora me reprovou. Eu não estava segura mesmo, como a senhora falou. Hoje eu sei que eu vou pra quinta série segura.” Me deu um buquê de flores de plástico, que eu tenho até hoje lá na minha sala. Na hora que ela me entregou, ela se acabou de chorar... Eu também!

Duas famílias eram de mal comigo, e os filhos estudaram comigo. O pai delas não falavam comigo, mas elas vão lá em casa e conversam comigo o tempo todo. O meu problema não é com as crianças, e, sim, com os pais. Então, não tinha que passar o problema, se elas não tinham nada a ver.

Bruno

– Eu quero falar do projeto Paraguaçu, parte do programa *UFBA em Campo* (projeto de extensão da UFBA, coordenado pelo Professor Felipe Serpa). A gente tem um trabalho em São Francisco do Paraguaçu. Uma das queixas da professora é que as crianças chegam muito violentas na escola, mordendo professor. Eu gostaria de saber de você: na sua sala existe esse tipo de coisa?

Juwany

– Pra dizer a verdade, em vinte e seis anos que eu ensino, eu nunca tive um aluno que me ofendesse. Na hora de falar grosso com eles, eu falava e nunca tive nenhum que eu maltratasse e nem que me maltratasse.

Uma certa época, essa menina tá em São Paulo hoje, ela estudou comigo. Um dia, ela chegou tarde e eu disse: “Marinalva, porque chegou tarde



hoje?” Ela não me deu atenção e foi sentar no lugar dela. Eu continuei o dever e disse pra ela pegar na mão dos meninos depois. Na hora da saída, eu disse: “Marinalva, você está chegando tarde todos os dias.”. Aí o irmão dela disse que ela tava chegando tarde, pra me pirraçar. Eu disse pra ela depois que, se continuasse chegando tarde, eu ia dar uma suspensão.

No outro dia, ela chegou mais tarde ainda, aí eu não deixei ela entrar. Ela pegou as coisas dela e foi embora. Tomou, por isso, um dia de suspensão, porque me respondeu. Ela desceu a ladeira me xingando, e o irmão dela, que é meu afilhado, não gostou. Então começou a briga em casa. O pai, quando chegou, foi logo se aborrecendo e bateu nela. Depois disso, ela começou a ir pro colégio certinho. Foi só esse caso, nunca mais eu tive um aluno que me ofendesse.

Passou um tempo, há uns oito anos, tinha uma menina que estudava no Engenho da Ponte e que xingou a professora e a mãe da professora todinha. Aí o pai foi lá me falar e pediu pra matricular Cristiane comigo, porque ela tinha sido expulsa do colégio. Nem todas as crianças são iguais, as características sempre são diferentes. Isso a gente tem que compreender no aluno. Se não compreender, a vaca vai pro brejo. Aí eu disse ao pai dela que tudo bem, mas que se ela xingasse minha mãe, que é tudo que eu tenho de mais sagrado... Depois não me meta na cadeia! Essa menina me pedia a bênção e nunca me fez nada, porque eu entendia ela. Ela era levada, e eu conversava com ela.

Um dia ela se pegou com a irmã que não tinha quem separasse. Era mordida na barriga, puxada de cabelo, não tinha quem separasse! Aí eu peguei um cipó que tinha lá e, vou dizer a vocês, se separaram na hora!



Depois eu mandei as duas se abraçarem, porque são irmãs e que isso não podia acontecer. Mandeí pedir desculpas, e foram pra casa. No outro dia, o pai foi lá e disse que tinha gostado da idéia.

Arlene

– Eu só queria lhe dizer que eu estou extremamente emocionada, porque nós tivemos uma belíssima aula. Eu trabalho com o pessoal do *Pró-Formação* e uma das coisas que eu sempre pergunto é, até que ponto, o diploma importa. Hoje a gente vê que o que falta muito nas nossas escolas é essa compreensão de que o professor é uma pessoa, que a relação professor/aluno precisa ser trabalhada de outra forma. Eu quero lhe parabenizar e dizer que a sua aula, pra gente, foi brilhante, porque deixa pra nós esse desejo de nos relacionarmos melhor com nossos alunos, de amar mais os nossos alunos.

Eu fui alfabetizada por uma professora leiga também, minha mãe. Ela não pode mais passar pelo *Pró-Formação*. Desistiu por conta dessas exigências. Mas, até hoje, os alunos têm um respeito e a chamam de professora. Na sua fala, fica muito forte essa beleza, o fato de ser educadora por opção. Parabéns!

Juwany

– Obrigada. Eu digo às minha filhas que a gente tem que ensinar por amor. Tudo que a gente faz na vida tem que ser com amor: lavar nossa roupa, fazer nossa comida, sentar pra preparar um plano de aula, tudo por amor! Se você não tem amor, até pra comer a comida não é desejável.



Felippe

– Já disseram da importância da sua presença aqui e, antes de encerrar, eu quero falar uma coisa que já foi destacada por Mary e que todos devem lembrar: qualquer que seja o nível do processo educativo, seja com a criança ou seja com o jovem, seja na universidade, na pós graduação ou na graduação, a atividade educativa é essencialmente uma relação entre pessoas! A grande aula que Juvany deu aqui é mostrar que nas condições de trabalho que ela tem, ela encara o processo educativo como uma relação entre pessoas e, conseqüentemente, entre pessoas deve estar o amor.

94

Eu quero agradecer e lamentar que nós precisamos, na formação dos professores, levar muito mais a sabedoria do educar do que o conhecimento para educar. Fico muito feliz de que a minha sugestão de trazê-la foi muito proveitosa para todos nós da Faculdade de Educação. Com o *high tech* da Faculdade, a sua fala tá toda gravada, e nós vamos poder desfrutar mais da sua aula. Se falasse mal do prefeito, estava arriscada a não ser contratada. (risos) Muito obrigado, Juvany, de coração. Muito obrigado a todos pela presença!

Juvany

– Obrigada a vocês, viu gente? Me desculpa se eu falhei, mas muito obrigada! Muito obrigada a Nalva que foi a primeira pessoa que eu conheci, ao esposo dela que eu vim conhecer no dia dos reis. Eu vou cantar uma mensagenzinha pra vocês assim:

Tchau, alunos

Deus os acompanhe, irmãos.



Nossa escola te pertence, também nossos corações.

Tchau, amigo

Deus lhe acompanhe”.

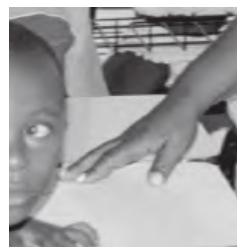
Essa música eu sempre faço pra eles assim, é a música da despedida deles e eles fazem assim:

Tchau, professora

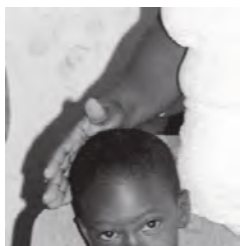
Deus fique com a senhora

Até amanhã

Que eu já vou me embora.









Este livro foi publicado
no formato 190 x 190 mm
miolo com papel Alcalino 75 g/m²
em Gatineau
tiragem 400 exemplares
Impresso no setor reprográfico da EDUFBA
Impressão de capa e acabamento:
Gráfica ESB - Serviços Gráficos

Editora filiada à:





Expressões de Sabedoria, produzido a várias mãos, carrega para o mundo acadêmico, em texto leve, solto, espontâneo, uma riqueza de fazer e viver, referendados em torno e no entorno de duas legítimas representantes da população afronegra baiana: Mãe Stella de Oxóssi e Juvany Viana.

Organizado pelos professores Nelson De Luca Pretto e Luiz Felipe Perret Serpa, e construído a partir das atividades de abertura do semestre letivo da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2001, propõe-se a gerar outras experiências, não somente no âmbito acadêmico, mas em qualquer parte onde se almeje a abundância de iniciativas que valorizem pequenos e grandes gestos humanos.

